



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

***OPERAÇÃO PRINCESA: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores***

Ana Carolina Vaz de Oliveira Fernandes

Rio de Janeiro/ RJ  
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

***OPERAÇÃO PRINCESA: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores***

Ana Carolina Vaz de Oliveira Fernandes

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

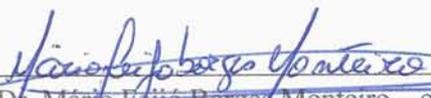
Rio de Janeiro/ RJ  
2013

**OPERAÇÃO PRINCESA: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores**

Ana Carolina Vaz de Oliveira Fernandes

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

  
Prof. Dr. Mário Teijó Borges Monteiro – orientador

  
Prof.ª. Dr.ª. Maria Teresa Bastos

  
Prof.ª. Ms. Andréia de Resende Barreto Vianna

Aprovada em: 10/12/2013

Grau: 9,0

Rio de Janeiro/ RJ  
2013

F331

Fernandes, Ana Carolina Vaz de Oliveira

Operação Princesa: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores / Ana Carolina Vaz de Oliveira Fernandes. 2013.

63 f.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Mário Feijó Borges Monteiro.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, 2013.

1. Literatura infantojuvenil. 2. Mercado editorial. 3. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. I. Monteiro, Mario Feijó Borges. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

CDD: 808.89282

## DEDICATÓRIA

Ao meu avô, José,  
você faz muita falta.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por sempre apoiarem minhas decisões e nunca desistirem de mim. Sem o suporte de vocês, eu não seria quem sou hoje. À minha grande família, sou grata por todos os momentos, bons ou ruins. Vocês me ofereceram muito.

Ao Victor Hugo, namorado e melhor amigo. Os últimos meses foram difíceis, obrigada por aguentar todas as minhas crises de ansiedade, os telefonemas chorosos e por sempre dizer que tudo ia dar certo. Sem você eu ainda estaria perdida.

À Talitha Perissé, agradeço a confiança em meu trabalho e a disponibilidade para ouvir minhas opiniões e discutir sobre o livro. Obrigada por me ajudar com este projeto. Você escreveu essa obra linda que, se tudo der certo, vai ganhar o mundo.

A Jamyla Sousa e Thales Estefani, agradeço pelas belas ilustrações. Vocês captaram muito bem o clima do livro e encantaram a todos com seu trabalho.

Ao Mário Feijó, sou grata pela paciência, encorajamento, bons conselhos e pelas aulas sempre muito interessantes. Muito obrigada por tudo.

Às professoras Teresa Bastos e Alda de Almeida, que me acompanharam durante as aulas de Projeto Experimental II, sou grata pelas dicas valiosas.

À Rebeca Medeiros, pela amizade inesgotável e por todos os anos ao meu lado. Você não é só uma amiga, é uma irmã.

Aos amigos Alice, Cláudia, Debora, Paloma, Bruno, Nathália e Victor, pelas conversas que valeram muito mais que horas em salas de aula.

À Liciane Corrêa, pois sem sua ajuda o livro não ficaria tão lindo. Obrigada por desperdiçar suas noites comigo e pelos ótimos jantares. Você é demais.

A Nina Lopes, Leonardo Alves, Giuliana Alonso e Danielle Machado, obrigada por participarem deste projeto comigo. Agradeço as conversas, as risadas e os ensinamentos. É uma honra trabalhar com vocês.

A toda a equipe da Intrínseca, agradeço a confiança e o aprendizado.

*Um país se faz com homens e livros.*

Monteiro Lobato

FERNANDES, Ana Carolina Vaz de Oliveira. ***Operação Princesa: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores.*** Orientador: Mário Feijó Borges Monteiro. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. 63f.

## RESUMO

**Pretendo, através deste relatório, explicitar todos os percalços e decisões editoriais relacionados à produção do livro *Operação Princesa*, de Talitha Perissé, obra voltada para crianças entre 9 e 13 anos, baseando-me nas diretrizes de qualidade da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira do *International Board on Book for Young People*, e visando uma maior entrada desta obra no mercado editorial brasileiro. Para isso, foram analisados textos teóricos sobre os projetos de incentivo à leitura da Fundação, depoimentos de professores e editores sobre este trabalho e artigos sobre o que é qualidade em literatura infantil e juvenil de autores/ilustradores premiados pela organização com o Selo Altamente Recomendável.**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL, O MERCADO EDITORIAL NO BRASIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....</b>	<b>12</b>
<b>3. A FNLIJ.....</b>	<b>17</b>
3.1 AS ORIGENS DA FUNDAÇÃO .....	17
3.2 OS PROJETOS DE PROMOÇÃO DA LEITURA .....	19
3.3 O ESTUDO SOBRE OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE DO PRÊMIO FNLIJ .....	23
<b>4. PRODUÇÃO DO LIVRO .....</b>	<b>28</b>
4.1 O TEXTO.....	28
4.2 O PROJETO GRÁFICO .....	32
4.2.1 Orçamento .....	43
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>59</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“De que serve um livro sem figuras nem diálogos?”, perguntou-se Alice pouco antes de decidir seguir o Coelho Branco até o País das Maravilhas. Quase cento e cinquenta anos depois (o livro de Lewis Carroll foi publicado em 1865), a ilustração continua sendo ponto central para a conquista de jovens leitores, tanto que, ao longo dos últimos anos, elas vêm desempenhando um papel cada vez mais relevante nas narrativas. Desde a alfabetização, as crianças são acostumadas com livros com muitas ilustrações. Nos dias de hoje — em que as crianças lidam o tempo todo com as imagens, seja na televisão, nos jogos de computador ou através da própria relação que se instituiu, a partir dos avanços tecnológicos, com a fotografia digital — acredito que a literatura infantil e juvenil deva assumir um maior compromisso com o leitor, utilizando a imagem como estímulo para exercitar novas interpretações e não apenas como mero elemento decorativo.

O mercado editorial atual já percebeu que a presença deste tipo de ilustração — que possibilita diferentes narrativas —, aliada a um texto com características literárias, é um dos elementos para a qualidade em um livro infantil ou juvenil. O que se percebe como tendência são livros com projetos gráficos cada vez mais elaborados, em uma disputa por lugares privilegiados nas prateleiras e pela atenção das crianças e de seus pais. É um consenso que pais leitores estimulam o hábito da leitura nos filhos, e criar atrativos para que eles também se interessem por esse gênero é uma das formas de auxiliar na formação de leitores.

Foi pensando nessas questões que decidi buscar e analisar quais são os elementos de um livro ilustrado destinado a crianças que o faz ser considerado um livro com qualidade e, portanto, possui maiores chances de levar as crianças ao hábito da leitura. Durante estas buscas, me deparei com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a FNLIJ, dedicada à literatura infantil e juvenil no Brasil e ligada a uma organização internacional, o IBBY. Em todo o mundo, este tipo de organização está preocupada com a qualidade nos livros e promovendo constantes estudos e debates sobre o tema — inclusive com professores, bibliotecários e outros profissionais ligados ao setor —, incentivando a produção literária para crianças e jovens. As premiações e as láureas concedidas pela FNLIJ são importantes incentivos para autores, editores e ilustradores que trabalham com livros infantis e juvenis, e pretendo, através deste relatório, apresentar também a relevância desta premiação para o mercado de livros no Brasil.

Porém, decidi não só analisar o trabalho da FNLIJ e o que, para eles, é um livro de qualidade literária, mas também produzir um livro juvenil ilustrado seguindo seus critérios. Para justificar esta decisão, é necessário voltar à época em que eu era uma criança. Os momentos proporcionados por minha mãe, que contava histórias a mim antes de dormir, me transformaram em uma pessoa apaixonada pela leitura e atravessaram toda a minha formação. Esta experiência fez com que eu inferisse desde cedo que são os livros que formam leitores: livros ótimos, péssimos, coloridos ou não, com ou sem ilustrações. Amando estes objetos desde nova, também soube que queria trabalhar com eles, criá-los. Foi a vontade de produzir um livro — não apenas um livro, mas um livro juvenil ilustrado —, atrelada à coincidência de ter uma amiga, Talitha Perissé, na Escola de Comunicação com um manuscrito não publicado e à experiência que estou adquirindo no setor infantojuvenil da editora Intrínseca, que me deu a ideia de transformar este desejo em meu projeto de fim de curso.

Com esta finalidade, no segundo capítulo deste relatório, traço um breve panorama da origem da literatura e da literatura infantil, do mercado editorial brasileiro atual e falo sobre a importância da leitura para a formação de leitores e construção da sociedade. Para isto, os textos de Mário Feijó, Peter Hunt e Regina Zilberman foram muito importantes, além da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2011, que é um referencial para a discussão dessas questões.

No terceiro capítulo faço um histórico sobre a origem da Fundação, seus projetos destinados à formação de leitores e a relevância do Prêmio FNLIJ e do Selo Altamente Recomendável para o mercado editorial. Além de analisar depoimentos de autores e ilustradores de livros infantis e juvenis premiados pela Fundação, buscando elementos que contribuem positivamente na avaliação do texto, da ilustração e do projeto editorial, também utilizo entrevistas, retiradas de periódicos ou produzidas para este relatório, textos teóricos sobre a FNLIJ, o trabalho de conclusão de curso de Renato Tomaz de Conceição sobre o Selo Altamente Recomendável e o portal do IBBY e da própria Fundação.

No quarto capítulo descrevo o processo editorial em si — desde a escolha do texto a ser publicado até as dificuldades envolvendo o equilíbrio do texto com as imagens, a produção da capa e das ilustrações, o pedido de orçamento. Desde o início, este projeto representou um grande desafio. Nunca tive grandes habilidades com programas de edição de imagens, e os conhecimentos com que comecei a tratar as ilustrações foram adquiridos ao longo das aulas da graduação em Produção Editorial. Durante a produção deste livro, recebi valiosas dicas de meus colegas de trabalho sobre como fazer determinadas alterações nas

imagens e na diagramação do texto. Mas toda a produção feita aqui é fruto dos conhecimentos adquiridos em aula, com experiências na produção de um livro na editora onde trabalho e do bom-senso, do afincamento com que foi realizado este projeto e do maravilhoso trabalho da autora e da visão artística da ilustradora, sem as quais dificilmente o livro poderia ser finalizado com a mesma qualidade.

## 2. A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL, O MERCADO EDITORIAL NO BRASIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A origem e o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil não podem ser compreendidos em isolamento, desconsiderando-se a história da literatura em si. Esta remonta de muito antes da invenção do livro ou de qualquer outro suporte físico para armazenar histórias, nascendo nas canções, cantigas e contos orais. O costume de se contar histórias às crianças durante a primeira infância (antes da alfabetização) remete, de certo modo, à Grécia Antiga, um povo que consumia e compartilhava narrativas antes mesmo do advento do alfabeto. (FEIJÓ, 2008)

A história da literatura começou, portanto, com a oralidade, principalmente pelas histórias cantadas pelos aedos — uma espécie de poeta da Grécia Antiga. Esses narradores declamavam poemas épicos repletos de mitos e lendas em eventos sociais especiais que se incorporavam às tradições populares do lugar, sendo sempre recriadas e reinventadas. Por exemplo, as obras fundadoras da literatura ocidental — *A Ilíada* e *A Odisseia* — surgiram nos cantos dos aedos. (FEIJÓ, 2008)

Graças a essa memória coletiva, as histórias não se perderam, sendo transcritas mais tarde e possibilitando que atravessassem fronteiras e as eras. O próprio folclore brasileiro incorporou muitos mitos, como a mula-sem-cabeça, o lobisomem, o curupira e o saci — personagens clássicos de histórias infantis — das culturas europeia, africana e indígena.

Com a posterior invenção da escrita, do alfabeto e dos diversos suportes para a escrita — papiro, pergaminho e os outros desenvolvidos em diferentes regiões —, que as narrativas populares, a história do livro e a história da literatura seguem um rumo comum com a evolução dos processos de produção, dos livros manuscritos à invenção da prensa de Gutenberg. (CALDEIRA, 2002)

O advento dos códices, por volta do século III, representou uma grande revolução para o suporte escrito. O códice

[...] transformou a experiência de leitura. A página surgiu como uma unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaços), parágrafos, capítulos e outros auxílios à leitura. (DARTON, 2010, p. 40)

Surgiram assim as páginas no lugar dos rolos, e com elas a possibilidade de leitura não linear, as maiúsculas, a pontuação, o índice, o uso do texto enquanto iconografia, o recurso das imagens como narrativas e mesmo a invenção do balão nos quadrinhos. De certo modo, e principalmente após a propagação do livro na Europa devido à invenção de Gutenberg, estas mudanças se difundiram de forma avassaladora e ampliaram o acesso ao livro a vários outros círculos de leitores.

Existem duas correntes que buscam estabelecer as bases do surgimento de uma literatura destinada especificamente a crianças. De acordo com Sheila Til (2006), a primeira delas associa a literatura infantil à tradição popular: estaria intimamente ligada à oralidade. A segunda afirma que a origem da produção literária para crianças está ligada ao nascimento da escola burguesa e dos livros didáticos, situando no século XVII o ponto inicial desta literatura, quando o sistema de ensino foi reformulado e fundou-se o sistema educacional burguês.

Os contos folclóricos, que atravessaram as diversas fases da história do livro encantando crianças e adultos, seriam uma importante fonte para os livros pensados para o segmento infantil que surgia então. Na França do Século XVII, o escritor Charles Perrault foi o responsável pela disseminação de um novo gênero literário: o conto de fadas. Ele foi o primeiro a registrar por escrito as famosas histórias contadas principalmente por mulheres nos salões parisienses. (FEIJÓ, 2008)

Em sua coletânea “Contos da mamãe gansa”, publicado pela primeira vez em 1697, o autor reuniu os principais contos que marcaram sua infância para tê-los registrados e poder contar aos seus próprios filhos. Mas com isso concedeu um acabamento literário a eles, além fazê-los alcançar enorme popularidade e outro status dentro da sociedade da época, como o de educar as crianças através de histórias, muitas das quais eram mal vistas antes de sua publicação. Dentre as obras recontadas pelo escritor francês, cabe citar: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Pequeno Polegar*, *O Barba Azul*, *Cinderela*, *O Gato de Botas*, entre outras que também se tornaram clássicos.

Ele inspirou outros escritores a investir no gênero, como os irmãos Grimm. Os alemães foram autores de importantes fábulas, como *A branca de neve* e *Rapunzel*, e também escreveram suas próprias versões de alguns dos contos clássicos de Perrault e outras duzentas e dez histórias recontadas em uma linguagem mais próxima da oralidade. (MACHADO, 2002)

Por fim, o último da trindade dos contos de fadas: Hans Christian Andersen, “o pai da literatura infantil”. O dinamarquês recebe esta alcunha justamente por não se limitar a recolher e recontar os contos populares. Andersen também criou muitos outros, seguindo o estilo tradicional e imprimindo-lhes marca própria: “A ousadia de Andersen estimulou a produção literária para crianças, sem didatismo — aspecto fundamental para a qualidade dos livros infantis.” (MACHADO, 2002, p. 51) Da melancolia poética deste autor também se originaram *O Patinho Feio*, *Polegarzinho*, *A Pequena Sereia* e *Soldadinho de Chumbo*.

Mas, segundo Mário Feijó (2008, p. 13),

somente com a revolução industrial no século XVIII que as atividades de impressão e comercialização de livros alcançaram as escalas necessárias para gerar uma verdadeira indústria editorial, agora um negócio complexo protegido por contratos, organizado em bases bem capitalistas e com segmentação de produtos.

A Revolução Industrial consolida uma mudança que vinha ocorrendo na estrutura da sociedade desde o século XVII. O capitalismo, gerando novas formas de divisão do trabalho, começou a distinguir as crianças dos adultos no trabalho da fábrica. E durante este período houve uma reorganização da sociedade, com a ascensão da família burguesa, da educação e do conceito de infância. A criança deixa de ser considerada um futuro adulto e passa a ser vista com características próprias.

A partir daí a própria criança passou a ser vista de forma diferente pela sociedade. Até então, não tínhamos um segmento produtivo direcionado especialmente para o público infantil, motivo pelo qual não seria possível falar-se de uma literatura para crianças antes desse período. Foi só a partir deste século que a literatura juvenil começou a se estruturar e os públicos infantil e juvenil se tornam segmento do mercado editorial, principalmente por meio das adaptações de clássicos e os romances de formação, o último visando forçar ou reforçar o nacionalismo e padrões de comportamento. (FEIJÓ, 2008) Ao longo dos séculos, essa literatura direcionada a crianças ganhou identidade, credibilidade e linguagem mais adequada.

No Brasil, o início da literatura infantil reflete o que se passou na Europa do século XIX, ainda que com algum atraso, com a mudança do regime monárquico para o republicano. A ascensão da classe urbana ansiosa por mudanças, inclusive no plano da educação, possibilitou o aparecimento dos primeiros livros infantis e uma demanda por estas obras e autores. Para suprir esta necessidade, optou-se pela tradução de obras estrangeiras, adaptação das obras destinadas a adultos, a reciclagem do material escolar e o apelo à tradição popular — todos modelos europeus da escrita para crianças. (ZILBERMAN, 2005)

É errado falar em literatura infantil brasileira — e em mercado editorial brasileiro — sem tocar no nome de Monteiro Lobato, que foi o primeiro a pensar o livro como produto e a literatura como mercado. Preocupado com a qualidade de suas obras, ele importou o primeiro parque gráfico específico para livros do país, investiu em propaganda e divulgação escolar e na profissionalização das etapas na produção do livro. (FEIJÓ, 2008, p. 68)

Antes dos investimentos de Lobato e da publicação de *Narizinho arrebitado*, em 1921, com a qual o grande escritor descobriu o potencial dos paradidáticos, o mercado de livros para crianças no Brasil limitava-se, grande parte das vezes, à publicação de traduções feitas em Portugal de obras estrangeiras consagradas. Isso tornava a leitura um hábito caro, restringindo-a a poucos privilegiados.

Dessa forma, aumentar a acessibilidade da leitura se tornou uma prioridade de Lobato. No prefácio à segunda edição de sua adaptação da obra *Meu cativo entre selvagens no Brasil*, de Hans Staden — que na segunda edição ganhou o novo título *Aventuras de Hans Staden* —, Lobato questionava: “Quem lê hoje, ou pode ler, o livro de Defoe na forma primitiva em que apareceu? Os eruditos. Também só os eruditos arrostam hoje a leitura do original das aventuras de Staden.” (apud FEIJÓ, 2008, p. 81) deixando claro sua intenção de popularizar o acesso ao livro.

Ele foi uma figura muito importante para a literatura infantil e juvenil no Brasil, realizando uma revolução nos livros destinados a crianças e jovens anos depois, e dando um novo conceito de qualidade para a produção literária nacional, pois estabeleceu, pela primeira vez no país, as diretrizes deste tipo de literatura:

o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla, o enredo, a linguagem visual concreta, a graça na expressão — toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. (ARROYO, 1968 apud BIASIOLI, 2007, p. 92)

Os livros de Lobato deram origem a uma nova geração de escritores. Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga foram chamadas de “as filhas de Lobato” e deram um novo conceito de qualidade para a produção literária nacional. Suas obras possuem muitas características das obras de Lobato, como a linguagem, a percepção crítica do mundo, a fantasia, o humor, entre outras. Outra característica foi o incentivo que elas deram à leitura como maneira de valorizar a inteligência das crianças, escrevendo livros em que “assuntos

adultos”, como preconceito, autoritarismo e morte, são abordados em uma linguagem acessível e questionadora para formar novos cidadãos leitores.

O livro para crianças tem uma função social: a de agregar valores. Os livros são importantes tanto para a formação cultural como para a formação de uma pessoa como cidadã. Para o educador Paulo Freire (2008, p. 19), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, ler implica envolver-se, criar significados, conhecer novos mundos, e deve ser algo de elevado significado para o leitor, acrescentando-lhe novas experiências e reformulando ideias já existentes. Peter Hunt (2010, p. 43), grande teórico da crítica literária infantil, resume a importância dos livros infantis e juvenis na vida de uma criança ao afirmar que:

[...] do ponto de vista histórico, os livros para crianças são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem das narrativas, em lugar das palavras simplesmente escritas.

Em um país como o Brasil, que tem um baixo índice de leitores de literatura, principalmente se forem desconsideradas os textos paradidáticos exigidos nas escolas particulares e públicas, esta é uma questão importante de ser discutida. Na terceira edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2011), é mostrado que apenas 36% de todo o universo pesquisado afirmou gostar de ler em seu tempo livre. Esse dado já é um avanço em relação à pesquisa anterior, de 2007 — em que 28% dos entrevistados declararam ter comprado algum livro nos últimos 12 meses, sendo que 58% deles foram considerados leitores correntes —, mas ainda demonstra o número limitado de pessoas — menos da metade dos entrevistados — que associa a leitura com prazer.

O aumento deste índice está vinculado à formação de leitores, que se inicia na infância. Por dar acesso à formação da cidadania, a leitura tem um sentido político, sendo necessário democratizá-la, desenvolvê-la. Muito se tem refletido muito sobre formas de incentivar e motivar as pessoas à leitura, pais e professores exercem um papel importante no primeiro contato dos jovens leitores com a literatura. Mas eles não estão sozinhos: desde 1968 existe uma entidade nacional voltada para a literatura infantil e juvenil, a FNLIJ, uma seção da *International Board on Books for Young People* (IBBY), criada por Maria Luiza Barbosa de Oliveira, Laura Sandroni e Ruth Villela de Souza, que visa promover e incentivar a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens.

### 3. A FNLIJ

#### 3.1 AS ORIGENS DA FUNDAÇÃO

O IBBY foi fundado por Jella Lepman, uma alemã que acreditava no entendimento internacional e na paz universal através dos livros para a criança. Ao sair da Alemanha nazista em 1936, Jella se naturalizou inglesa, passou a trabalhar na rede BBC durante a Segunda Guerra Mundial e foi contratada como consultora para assuntos relacionados a crianças e jovens na Alemanha pós-guerra. Para ela: “todas as crianças ao redor do mundo deveriam ter acesso a livros com qualidade literária e altos padrões artísticos e, então, tornar-se leitores entusiásticos e informados.”<sup>1</sup> Após um encontro onde estas questões foram debatidas com representantes de diversos países, a organização internacional foi fundada na Suíça com a intenção de promover a literatura infantil. (IBBY, 2013)

Em 1951, Jella Lepman organizou em Munique um encontro sobre o Entendimento Internacional Por Meio dos Livros Infantis<sup>2</sup> com o propósito de fundar uma organização internacional cujo principal objetivo é a promoção desse tipo de livro. No ano seguinte, ela reuniu um comitê para escrever a declaração do IBBY, que seria fundado em 1953, cujas propostas iniciais eram a pesquisa sobre a situação da literatura para jovens em diversos países e a criação de um prêmio internacional para os livros infantis: o prêmio *Hans Christian Andersen*, conferido a autores e, alguns anos depois, também a ilustradores, e considerado o Prêmio Nobel da literatura para jovens. (BAMBERGER, 1973)

Os ótimos resultados dos congressos oferecidos pelo IBBY ao longo dos anos contribuíram para estender a atuação da organização internacionalmente e, em 1964, o Brasil e os demais países latino-americanos foram convidados por Carmen Bravo-Villasante, na época presidente da Seção espanhola da organização, a participar do IX Congresso do IBBY, que ocorreu em Madrid. O convite brasileiro foi enviado ao Dr. Péricles Madureira do Pinho, então presidente do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que designou a educadora Maria Luiza Barbosa de Oliveira a representar o Brasil na capital espanhola. Além de apresentar ao país o trabalho empreendido, os objetivos, a importância e o modelo de trabalho do IBBY, também existia o interesse em obter algumas obras brasileiras que representassem a

---

<sup>1</sup> Children everywhere should have access to books with high literary and artistic standards and thus become enthusiastic and informed readers. (IBBY, 2013)

<sup>2</sup> International Understanding through Children's Books (IBBY, 2013)

produção nacional de literatura infantil e juvenil para comporem uma exposição realizada no congresso. (SERRA; ZINCONE, 2008)

Durante esse evento, ficou evidente que o Brasil também precisava de uma entidade para representar e promover a literatura para crianças e jovens e que ela deveria ser filiada ao IBBY. Para esta tarefa, Maria Luiza Barbosa de Oliveira convidou Laura Sandroni e Ruth Villela de Souza. Após três anos, foi realizada a primeira reunião com autores, editores, ilustradores, bibliotecários, educadores e outros interessados em fundar uma associação que reunisse os diversos ramos interessados em livros infantis e juvenis. (SERRA; ZINCONE, 2008)

Foram decididos na reunião quais seriam os aspectos jurídicos, econômicos e organizacionais desta nova entidade, assim como seus valores e objetivos:

Divulgar a produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens e, em particular, os livros de literatura e informativos; promover estudos e pesquisas sobre todos os aspectos do livro infantil e juvenil; incentivar o autor e o ilustrador de livros infantis e juvenis; valorizar a leitura e o livro de qualidade; contribuir para a formação leitora dos educadores, sejam professores, bibliotecários ou pais, quanto ao conhecimento das teorias e experiências sobre temas afins, tais como leitura, literatura e formação de bibliotecas; valorizar a biblioteca da escola e a pública como o lócus para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática da leitura. (FNLIJ, 2013)

A FNLIJ surgiu um ano depois dessa reunião e hoje é a única instituição no Brasil totalmente voltada a garantir o direito de todas as crianças e jovens ao acesso à cultura escrita, através da leitura de livros de qualidade e principalmente da literatura, pois suas fundadoras acreditavam que este é o melhor caminho para conhecer o outro e a si mesmo e assim, compreender melhor a realidade e se tornar um cidadão leitor, objetivo que compartilha com o IBBY. O primeiro marco da Fundação foi o 14º Congresso do IBBY, realizado na cidade do Rio de Janeiro — o primeiro fora da Europa — em 1974, um evento que incentivou a criação de outras Seções do IBBY em países da América do Sul. (SERRA; ZINCONE, 2008)

As Seções nacionais incentivam pesquisas, criam prêmios especiais, indicam para as premiações da IBBY, promovem debates, congressos e seminários. Os prêmios nacionais da FNLIJ alcançaram credibilidade desde o princípio e serviram de incentivo a escritores e ilustradores e acabaram contribuindo para a promoção e a qualidade da literatura infantil e juvenil.

### 3.2 OS PROJETOS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

A Seção brasileira do IBBY, assim como a de outros países, é uma entidade com legitimidade e credibilidade para fazer a avaliação da literatura oferecida para crianças. Ao longo dos anos, a FNLIJ elaborou vários projetos em busca de alternativas para mobilizar as crianças a adquirir o hábito da leitura, tornando-as, conseqüentemente, mais conscientes e integradas na sociedade.

Dentre os projetos oferecidos, destacam-se: a organização da presença brasileira na Feira de Bolonha, na Itália, a inauguração de mais de setenta bibliotecas comunitárias, a Ciranda dos Livros, a Sala de Leitura, o Prêmio FNLIJ, criado em 1975, quando já era significativa a produção de livros infantis e juvenis no Brasil, considerado a “distinção máxima concedida aos melhores livros do setor” e o Salão FNLIJ, que visa promover e incentivar a leitura e escrita entre crianças e jovens. (SERRA; ZINCONI, 2008)

O Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens teve sua primeira edição em 1999. Este projeto foi motivado pela ausência de eventos dedicados exclusivamente para livros infantis e juvenis no país e, embora seja uma feira onde se podem comprar livros, o foco principal do Salão é estimular o hábito da leitura e formar leitores. Por este motivo, os livros de autoajuda, paradidáticos, religiosos e de referência não são expostos ou vendidos no Salão. (SERRA; ZINCONI, 2008)

A feira conta com bibliotecas públicas para estimular os jovens a pegarem emprestados alguns títulos para lerem em casa e, seguindo a tradição, toda criança que visita o Salão ganha um livro na saída. Esse tipo de incentivo se dá devido ao fato de a maioria da população brasileira não ter livros ou revistas em casa e, segundo o IBGE, dedicar apenas seis minutos em média do dia à atividade da leitura. (ALENCASTRO, 2012) De acordo com Elisabeth Serra, a secretária-geral da FNLIJ, é “a proximidade de crianças e jovens, de pais e professores com o livro vai se refletir numa melhor educação” (DELMAS, 2013) e é por conhecer a importância da escola na formação da criança que o primeiro dia do Salão é inteiramente dedicado aos professores, com debates e palestras. Em entrevista realizada para este relatório (apêndice I e II), Luciana Soares e Marcus Siani, professores das redes pública e particular, afirmam que o Salão FNLIJ é um importante meio de divulgação e discussão da importância da formação de leitores. Os dois disseram ficar atentos aos catálogos divulgados pela Fundação — com os títulos que receberam a premiação —, pois eles os levam em consideração no momento de escolher um livro para o programa da escola. Isso mostra que os

professores encaram a Fundação como um canal de referência sobre livros infantis e juvenis de qualidade. Além disso, o Salão FNLIJ é uma área importante de venda e divulgação de obras infantis e juvenis para as editoras, principalmente para as menores e especializadas no setor, pois elas não possuem tanta abertura para a venda em livrarias ou capital para ampla distribuição ou grandes tiragens.

Outro projeto que mostra a colaboração da FNLIJ com as escolas são as Feira de Livros, na qual a Fundação foi pioneira na realização, principalmente com a Ciranda de Livros, que distribuiu alguns títulos de autores estreantes para empréstimos em salas de aula, beneficiando trinta e cinco mil escolas carentes. (SERRA; ZINCONI, 2008)

O Prêmio FNLIJ foi criado em 1974, e é considerado o prêmio mais importante concedido a autores e/ou ilustradores de livros infantis e juvenis no Brasil.

Como visto no edital da 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ (disponível no site da Fundação e divulgado anualmente), a premiação conta com dezoito categorias: Criança; Imagem; Informativo; Jovem; Literatura em Língua Portuguesa; Livro Brinquedo; Melhor Ilustração; Poesia; Projeto Editorial; Reconto; Teatro; Teórico; Tradução/Adaptação (criança/jovem/informativo/reconto); Escritor Revelação e Ilustrador Revelação. Nesse edital também estão dispostos os objetivos da Seleção Anual:

(i) identificar e dar publicidade aos melhores títulos editados para crianças e jovens; (ii) estimular o trabalho de escritores, ilustradores, tradutores, editores que se dedicam à literatura infantil e juvenil, assim como aos livros informativos para o segmento infantil e juvenil; (iii) incrementar e promover a produção de livros de qualidade para crianças e jovens no Brasil; (iv) promover a leitura literária junto à população em geral e, em particular, para educadores, considerando-a como base para a formação cultural de crianças e jovens; (v) subsidiar a ação de pesquisadores, escritores, pais, editores, autores e especialistas em literatura para crianças e jovens, divulgando e disponibilizando informação sobre leitura e literatura infantil e juvenil; (vi) criar uma base referencial de qualidade, permanentemente atualizada, sobre literatura infantil e juvenil e leitura; (vii) subsidiar a formação de professores, por meio do uso das informações disponibilizadas na Internet e pesquisa na Biblioteca da FNLIJ; (viii) subsidiar políticas culturais e educacionais de compra de acervos e programas de leitura em todos os níveis de governo ou fora deles. (FNLIJ, 2013b)

Para participar, os interessados devem enviar cinco exemplares da produção do ano anterior, no caso deste edital, 2012, e uma comissão — que consiste em vinte e quatro leitores-votantes de diferentes estados brasileiros — seleciona os títulos que participarão da premiação. O compromisso da organização com a primazia é comprovado pelo fato de não

haver vencedor em uma ou mais categorias quando os títulos não apresentam a qualidade mínima para recebê-la, como ocorreu na premiação anterior (2011), com as categorias Melhor Ilustração, Ilustrador Revelação e Projeto Editorial. Apenas para 38ª Seleção Anual, a Fundação recebeu 1.168 títulos de 140 editoras em território nacional. (FNLIJ, 2013c)

Desde a entrega do primeiro prêmio, conforme contam Laura Sandroni e Luiz Raul Machado em “Um imaginário de livros e leituras: 40 anos de FNLIJ”, foi possível perceber uma mudança significativa na literatura para crianças e jovens no país:

Em 1975, a oferta de títulos nacionais em 1ª edição era de 42 obras; em 1978 chegou a 107, havendo uma sensível queda no ano seguinte. A partir de 1980, recupera-se o aumento da produção. Em termos de qualidade, ocorreu também uma melhoria significativa, a partir de 1980. Verificou-se, nesse ano, que 24% da produção já se enquadrava nos critérios de qualidade editorial e literária requeridos pela FNLIJ. No período seguinte, o percentual cresceu para 34,9, o que atesta o alto nível de nossos escritores e ilustradores, que tem merecido atenção até do exterior, com tradução de várias obras e concessão de prêmios. (SERRA; ZINCONI, 2008, p. 87)

É possível perceber com isso que já no primeiro ano do Prêmio FNLIJ a Fundação atingiu seus objetivos, pois permitiu a melhoria e o aumento da produção editorial, “favorecendo a consagração de escritores, como também o surgimento de novos valores, e contribuindo para a maioria da literatura infantil brasileira” (SERRA; ZINCONI, 2008, p. 88) e é possível aferir que, com a ampliação do número de categorias para o Prêmio FNLIJ desde a sua criação, a quantidade de livros com a qualidade que a Fundação estabelece só tende a aumentar.

A FNLIJ também é responsável por organizar a presença brasileira na principal feira internacional de livros para crianças e jovens desde 1974: a Feira de Bolonha, na Itália. Foi também nesse ano que o Prêmio FNLIJ se originou, e o mesmo processo de seleção é utilizado para escolher os livros que farão parte do catálogo nacional da Feira, considerada o evento mais concorrido do setor da produção mundial de literatura infantil e juvenil, englobando setenta e quatro países. Na 50ª Feira de Bolonha — realizada no início de 2013 — a FNLIJ escolheu 181 livros de autores brasileiros entre 910 títulos para fazerem parte do catálogo (FNLIJ, 2013c), mostrando que eles realmente só selecionam o que consideram serem os melhores livros/autores/ilustradores para representarem o Brasil. A Feira de Bolonha é uma importante porta de entrada para o mercado internacional, pois editores e agentes de todo o mundo passam pelo estante da Fundação. O catálogo da FNLIJ na Feira já funciona como uma espécie de triagem, destacando autores e ilustradores, divulgando a literatura

brasileira e alavancando vendas de direitos de publicação no exterior, como afirmado nas entrevistas com duas editoras feitas para este relatório (apêndice III e IV).

Como Seção do IBBY, a FNLIJ é responsável por indicar, a cada dois anos, ilustradores e autores candidatos aos prêmios *Hans Christian Andersen*, que, como já foi dito neste trabalho, é o prêmio internacional mais importante de livros infantis e juvenis. Esse trabalho resultou em importantes conquistas internacionais de reconhecimento da qualidade da literatura brasileira para crianças, principalmente com duas autoras brasileiras agraciadas com esse prêmio: Lygia Bojunga, em 1984, e Ana Maria Machado, em 2000. E foi a partir desse prêmio que ambas conquistaram certa distinção no contexto internacional e ganharam diversos prêmios no exterior, confirmando a qualidade da literatura nacional e dos critérios de seleção da Fundação. (VASSALLO, 2011)

Em 1978 surgiu o Selo Altamente Recomendável, ligado diretamente ao Prêmio FNLIJ, e é “oferecido às obras indicadas para o primeiro lugar [nas categorias da premiação], mas que não obtêm essa classificação”. (FNLIJ, 2013b) Este selo vem alavancando títulos, autores e editores tanto comercialmente quanto em prestígio, pois além do uso do selo na capa do livro, estão destacados os diversos prêmios recebidos e as participações nas muitas seleções da FNLIJ nos catálogos de várias editoras. Marcus (apêndice II) disse a escola onde trabalha recebe livros através de programas de governo, como o PNBE, e que muitos desses livros possuem o Selo Altamente Recomendável.

Fica evidente, assim, a importância desta premiação também para as editoras, como visto na entrevista com Vanessa Gonçalves, da editora Cosac Naify, e Ana Lima, do selo Galera Record (apêndice III e IV). As duas afirmaram reconhecer o trabalho da Fundação e a importância de possuir em seus catálogos títulos que foram premiados ou receberam o Selo, pois eles proporcionam maior prestígio, tanto à editora quanto para os autores e os demais profissionais ligados a literatura infantil e juvenil. Vanessa diz ainda que as livrarias tendem a dar mais destaque aos livros premiados e que muitas bibliotecas escolhem seus acervos baseadas nas listas das seleções da FNLIJ. Portanto, podemos inferir a partir destas afirmações que um livro produzido seguindo os critérios de qualidade da Fundação, e, por este motivo, possuir maior probabilidade de ser premiado ou de receber o Selo, é um produto de interesse para as editoras e tem mais chances de ser selecionado para seu catálogo.

Diante da relevância acadêmica e comercial identificada na Fundação, de seus projetos de fomento à leitura e da promoção de livros de qualidade no Brasil, tomamos suas diretrizes de qualidade na produção do livro *Operação Princesa*, obra voltada para crianças de 9 a 13

anos, acreditando-se que isto incentivaria os jovens ao hábito da leitura e possibilitaria maior entrada no mercado editorial. Analisaram-se para tal diversos textos teóricos sobre qualidade nos livros infantis e juvenis escritos por autores e ilustradores ilustres e/ou que receberam o Selo Altamente Recomendável, além do trabalho de conclusão de curso de Renato Tomaz da Conceição a cerca dos critérios e exigências da FNLIJ para receber este selo.

### 3.3 O ESTUDO SOBRE OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE DO PRÊMIO FNLIJ

É essencial que livros infantis estejam em um determinado patamar de qualidade e que seus conteúdos sejam pertinentes para o público ao qual se destinam. Renato Tomaz da Conceição nos mostra em seu trabalho de conclusão de curso defendido na Escola de Comunicação da UFRJ, intitulado “Selo Altamente Recomendável: os critérios de quem produz e avalia a qualidade da literatura infantil e juvenil”, que além dos critérios subjetivos há uma certa objetividade na avaliação dos livros submetidos à FNLIJ.

A premiação “leva em consideração o conjunto da obra: texto, ilustração e aspectos gráficos (diagramação, impressão e acabamento)”. (MORAES, 2008, p. 55) Portanto, os profissionais convidados a avaliar os títulos inscritos consideram o conjunto do livro, tanto seu projeto gráfico quanto editorial, bem como aspectos do conteúdo em si, o texto e ilustrações. (CONCEIÇÃO, 2009)

Os títulos enviados pelas editoras para a premiação são avaliados pela comissão de leitores-votantes como um objeto livro, que, por sua vez, não tem o mesmo valor se não contiver recursos textuais e/ou visuais que o valorizem. São analisados “[...] mais que o trabalho individual do autor e/ou do ilustrador, são avaliadas a programação visual, a pertinência de conteúdo e das ilustrações, a harmonia texto-imagem, ou seja, o projeto editorial”. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 28)

A qualidade do livro, portanto, depende da excelência de três componentes interligados e interdependentes: texto, ilustração e edição. Embora tanto o autor quanto o ilustrador possam ter uma visão perfeita da obra, cabe ao editor

“tomar determinadas decisões que garantem a harmonia dos livros, principalmente quando fogem a padronizações — caso de livros infantis, que costumam requerer projetos especiais em vez de simples adequações de projetos prontos.” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 29)

Os livros infantis rompem intencionalmente com os cânones clássicos de diagramação e layout. Os editores e os outros profissionais da editora tem que ter conhecimento suficiente para transformá-los em objetos esteticamente agradáveis. Emmanuel Araújo destaca ainda a importância da legibilidade na escolha do projeto gráfico, ressaltando que a opção por determinado formato deve levar em consideração o manuseio. (ARAÚJO, 2008 apud CONCEIÇÃO, 2009, p. 30) É preciso, como afirma Rui de Oliveira (2008, p. 42), “considerar as relações entre a mancha e o texto, a tipografia empregada, os espaços em branco, as vinhetas, as ilustrações, enfim, todos os elementos pré-textuais”. Pois esses elementos, e não apenas o texto, compõe a narrativa de um livro infantil e juvenil.

Dá mesma forma que em uma boa edição são analisadas as interrupções do texto e as trocas dos capítulos, é necessário atentar para as pausas entre as ilustrações. Dependendo da faixa etária para a qual o livro é destinado, “[os elementos visuais] podem ter tanta, mais ou menos importância que seus correlatos textuais, cabendo ao editor mensurar a importância de cada um destes itens para garantir um livro de qualidade.” (RIBEIRO, 2008, p. 126)

Segundo as leituras realizadas, percebi que é meu papel, como editora de um livro, coordenar estes elementos de forma a garantir a qualidade não apenas de uma dessas partes, mas do todo. Para produzir um livro com qualidade literária, é necessário garantir a integração e encontrar um equilíbrio interativo entre a narrativa do texto e da ilustração no projeto gráfico do livro. Por projeto gráfico, considera-se o “objeto livro no seu formato, tamanho, capa, contracapa, relação da mancha textual com a ilustração, contraste letra/fundo, tamanho da letra, qualidade e textura do papel, técnica e cores empregadas”. (BIAZETTO, 2008, p. 87)

No projeto de *Operação Princesa* atentou-se à redução do custo final da obra, buscando, contudo, manter-se a qualidade dos materiais utilizados, possibilitando assim uma maior acessibilidade aos leitores. Para tanto, foi excluída a possibilidade de capa dura e priorizou-se um formato comum, o 14x21 cm, grande o suficiente para os padrões, mas não tão pequeno que desvalorizasse o projeto. Essas informações serão explicitadas mais detalhadamente no item 4.2 (projeto gráfico) deste relatório.

Um ponto em que muitos especialistas e autores de literatura infantil e juvenil concordam é que a qualidade em um livro para jovens é a mesma dos livros para qualquer idade, embora “haja uma preocupação maior com o projeto gráfico integrado ao texto nos livros infantis.” (RAMOS, 2005, p. 155), relacionada a estética e apelo lírico intencionados para atrair a atenção do público infantil, que tende a valorizar mais a narrativa gráfica. Isso, contudo, não deve derivar no pensamento de que não existe diferença no aspecto narrativo de

um livro para adultos e crianças, cabe aos autores e editoras buscar uma maior sensibilidade para perceber as nuances que permitem tratar temas e estruturas comuns a todas as idades dentro do lirismo que melhor se comunica com o público infantil, sendo necessária uma extrapolação do mundo adulto que não seja diminutiva ou simplista. Os livros infantis variam tanto em complexidade e qualidade quanto a literatura comum e, como afirma o educador britânico Peter Hunt, ao falar sobre os porquês de se estudar literatura infantil e juvenil, “a premissa [...] de que a escrita destinada a crianças deve ser necessariamente simplista é como dizer que um pediatra é naturalmente inferior a qualquer outro tipo de médico especialista”. (HUNT, 2010, p. 48)

É preciso respeitar a criança como leitora. O autor deve saber equilibrar forma e conteúdo, principalmente fazendo uso correto da linguagem — que não deve ser artificial, pobre ou mesmo largamente explorada —, ainda que se busque uma maior aproximação com o discurso natural às crianças. (SISTO, 2005)

A linguagem é um sistema narrativo, como o próprio projeto gráfico. A ilustração não deve se restringir a repetir o que está no texto, o que o leitor pode imaginar por si só, pois a pura repetição é redundante. A imagem deve criar pausas, destacar passagens, cenas ou até mesmo inventar ou introduzir na sequência narrativa alguns outros elementos. (FITTIPALDI, 2008)

Porém, é importante lembrar que as imagens fazem parte de um todo, que é o objeto livro. Portanto, a qualidade da ilustração é “a soma da qualidade das imagens e da contribuição dessas imagens para o livro como um todo” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 42), permitindo novas possibilidades de leitura e diferentes pontos de vista que passariam despercebidos pelo leitor, enriquecendo a narrativa. (FITTIPALDI, 2008)

Renato Conceição (2009, p. 12) afirma que um livro de qualidade literária “deve ser criativo, surpreender, apresentar conflitos cativantes, possibilitar múltiplas leituras de um mesmo livro,” e que “um bom livro não deve se esgotar na primeira leitura”. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 32) Porém, definir o que se entende por qualidade literária não é tarefa fácil, e este vem sendo o objeto do estudo de pesquisadores de teoria literária há muitos de anos. A escritora e pesquisadora Ieda de Oliveira (2005, p. 57), no livro “O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: Com a palavra o escritor”, em que é organizadora, resume o que, para ela, são os principais pontos de um texto de qualidade:

forte rejeição à rigidez didática, ao lugar-comum [e] ao culto dos “fatos verídicos”, [...] valorização da autodescoberta pela leitura, da pluralidade de

interpretações para a mesma obra, da emoção, da imaginação, da fantasia e de uma certa “loucura” saudável que o prazer estético proporciona.

Foi possível inferir, através dos pareceres analisados por Renato e disponibilizados no site da FNLIJ, que os textos narrativos são avaliados pela ambientalização, caracterização dos personagens, correção e adequação dos discursos, principalmente se propiciarem uma narrativa criativa, que surpreenda e possibilite múltiplas leituras.

Os livros considerados como “má literatura” são aqueles moralizantes e didáticos, onde se evidencia: o lugar-comum, a frase feita, a história previsível, a linguagem infantilizante, a função didático-moralizante. (COLASANTI, 2005). Os temas paradidáticos tendem a esvaziar a riqueza das histórias, sobretudo quando não são bem aproveitados em sala de aula, e acabam reprimindo o imaginário da criança. A visão da Fundação sobre os paradidáticos é clara, visto que, como já foi dito antes neste mesmo capítulo, este tipo de livro não é exposto no Salão FNLIJ.

As respostas de Luciana e Marcus (apêndice I e II) também foram levadas em consideração para a elaboração deste item, visto que muitas de suas respostas confirmam o que já foi discutido até o momento. Quando questionados sobre que tipo de livros seus alunos se interessam mais, eles afirmam ter percebido, levando em conta sua experiência como educadores, que livros com personagens cativantes, uma trama bem desenvolvida, muita aventura, ação, magia e cujas histórias façam refletir e sensibilizar costumam cativar mais as crianças. Luciana afirma também que os livros paradidáticos não encantam os alunos e, portanto, não contribuem tanto para criar um hábito de leitura. Também acho interessante comentar que este tipo de livro já não é utilizado na escola de Marcus, provavelmente por ela receber grande parte do acervo de sua biblioteca dos programas da FNDE (Fundação Nacional de Desenvolvimento e Educação), e os editais excluírem livros paradidáticos.

A avaliação do didatismo e da qualidade literária de uma obra, apesar de ser cada vez mais habitual nos debates acadêmicos, implica em cair em juízos de valor que acabam por corromper a importância do tema da educação infantil. É melhor um livro na mão de uma criança, o do que dois na estante. Percebe-se, contudo, que um livro que estimule sua imaginação, que traga metáforas, rimas ironias, ambiguidade, humor e trabalhe dialogicamente tem mais chances de fidelizar e, sobretudo, transformar o leitor. (AZEVEDO, 2005)

Apesar disso, descobrir até que ponto uma obra pode se encaixar mais ou menos nessa descrição é tarefa difícil de empreender, ainda mais quando sabemos que a leitura é uma ação

individual — e, como objeto individual, cada livro e cada palavra trazem a cada criança uma significação e uma compreensão diversas. Por isso, decidi que restrições como “qualidade literária” eram por demasiado abstratas e dependiam muito mais do juízo de valor do avaliador. De forma que busquei seguir o bom-senso no momento de preparar o texto de *Operação Princesa*, mantendo a originalidade da obra, empreendendo as alterações textuais necessárias apenas para conferir maior fluidez ao texto, já que “uma boa história, sobretudo, deve dar prazer ao leitor e abrir espaço para a fantasia, a maior das qualidades nos livros de ficção.” (SISTO, 2005, p. 124)

Levando-se em conta a relevância do Prêmio FNLIJ e do Selo Altamente Recomendável para o mercado, *Operação Princesa* foi produzido baseado nos textos de autores e ilustradores consagrados e agraciados com o Selo Altamente Recomendável, e, conseqüentemente, mais indicados para falar sobre o que é qualidade literária e artística em um livro, nos pareceres da FNLIJ e nos critérios descritos na tese de Renato Tomaz da Conceição. Excetuando-se o texto literário, que já existia no momento em que o projeto foi concebido, todas as ilustrações e o projeto gráfico do livro — formato, fontes, capa, textos de contra capa e orelhas — foram feitos nos moldes dessas leituras, mantendo-se em mente que o mais importante na construção de qualquer livro é cativar o leitor.

## 4. PRODUÇÃO DO LIVRO

### 4.1 O TEXTO

Antes de definir todos os detalhes da produção do livro *Operação Princesa*, foi realizada a leitura dos textos teóricos analisados no capítulo anterior (item 3.3) e analisado todos os elementos e características do texto literário e da própria temática da história. A obra de Talitha Perissé mostrou-se apropriada para a proposta deste projeto, pois possuía várias das características que consagram um livro como altamente recomendável pela FNLIJ.

Primeiramente, o livro dela não consiste de uma obra paradidática, mas sim, literária, que vimos ser uma qualidade importante para um livro infantil e juvenil. A narrativa é construída sobre figuras comuns do imaginário coletivo, pertinentes ao universo dos contos de fadas. Não se limitando, contudo, a abordagem clássica dos mesmos, pois faz uma reconstrução das regras e lógicas deste mundo fantástico, desconstruindo o senso comum do leitor em relação aos contos de fadas e instigando o questionamento e a imaginação, trazendo o conceito de desvio da norma e do padrão.

Além disso, a intertextualidade contida no texto de *Operação Princesa* permite o rápido reconhecimento e imersão do leitor, como também se relaciona com as expectativas do mesmo, brincando com suas noções de imaginário e realidade. Somando-se a isso está a riqueza de interpretações e narrativas que o diálogo construído através do reconto de diversas histórias tradicionais de contos de fadas acarreta, contribuindo para garantir originalidade e multipluralidade de interpretações ao livro.

Ele retrata a vida de Raio de Sol, uma princesa de dez anos que vivencia descobertas e dificuldades atreladas às regras de sua sociedade, que podem se aproximar, ainda que dentro do campo da fantasia, da realidade e expectativa das crianças em sua convivência no seio familiar e na sociedade, possibilitando a criação de um vínculo empático que permite uma maior interação leitor-texto e levando a uma “relação mútua de moldar e ser moldado”. (BERNARDO, 2005, p. 20) A própria proposta do livro, de ser um diário no qual a personagem principal não só conta a história, mas também tece seus próprios comentários sobre os eventos e personagens, contribui para este diálogo com o leitor e sua imersão. Outro recurso utilizado pela escritora foi evitar detalhar a aparência física da protagonista, evitando descrevê-la no texto. Seguindo esta lógica, ocultou-se seu rosto em todas as ilustrações, ponto que será mais detalhado no item 4.2 (projeto gráfico). Este recurso estimula a imaginação do

leitor, que participa ativamente no processo de construção do personagem, e também facilita a identificação da criança com Raio de Sol, já que pode espelhar parte de si nela.

A narrativa de *Operação Princesa* se utiliza de uma das construções mais naturais dentro da literatura infantil, em que “[o autor], atrás da superfície de narrativas simplicíssimas, expressa sua relação, perplexa e interrogativa, com o mundo”. (CALVINO, 1990 apud CONCEIÇÃO, 2009, p. 33). Ou seja, a autora apresenta a descoberta de um novo mundo fantástico — o reino de Raio de Sol, que possui suas próprias regras inerentes baseadas em diversos outros contos de fadas, mas que também extrapola estas histórias do imaginário coletivo, criando um mundo novo que permeia estes contos — a fim de se relacionar com a própria realidade da criança, de descoberta de seu próprio mundo, de modo que a perplexidade da personagem ao encarar as adversidades de seu mundo se relaciona com a da criança em seu processo de desenvolvimento e vivência. Exemplos deste tipo de relação podem ser encontrados na relação de Raio com a família e no constante questionamento sobre o papel de uma princesa na sociedade *versus* os próprios anseios da personagem, que cria um embate entre o que os pais acham que é o melhor para ela e seus próprios sonhos.

Outro ponto interessante na trama é que, apesar de o personagem principal valorizar muito a sua independência, ele não extrapola as limitações de sua idade. Raio de Sol não muda as leis de seu reino, nem vence a bruxa sozinha ou salva a irmã da maldição. Ela tem amigos e outras pessoas à sua volta que a ajudam e a incentivam, assim, a autora nos apresenta um personagem verossímil e não cai na falácia da caracterização do personagem como um adulto em miniatura ou como uma criança superdotada que consegue salvar a todos sozinha.

Sabendo ainda que a literatura de qualidade “tem o dever de fazer pensar, de mostrar novos olhares” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 32), Raio de Sol apresenta o mundo dela e suas regras de conduta ao mesmo tempo em que, através dos questionamentos ao longo do livro: “Princesas não podem usar espadas, Raio!”, “Odeio as Leis das Princesas! Elas dizem que não posso ser uma agente e isso é tudo o que quero ser”, ela desconstrói as mesmas, incitando a criança a repensar sua realidade e seu papel na sociedade.

Uma vez escolhido o livro devido aos elementos presentes na narrativa, foram feitas algumas reuniões com a autora nas quais se definiram questões como: como a obra seria dividida, quantas ilustrações seriam necessárias e que estilo de ilustração seria adotado. Após esta reunião, preparei a obra visando melhorar a fluência do texto em alguns pontos, consertar algumas inconsistências na história, deixá-lo mais condizente com a faixa etária a que se

destina, isto é, crianças entre 9 e 13 anos de idade, e ao gênero, pois a autora originalmente havia escrito o livro direcionado a meninas e, por acreditar que a história proposta consegue atrair tanto meninos quanto meninas, pois se trata de uma aventura com elementos mágicos e muita ação, decidi que ela não devia se restringir a um único gênero.

Acho importante ressaltar que a divisão em faixas etárias, muito comum no mercado editorial, pode não corresponder à individualidade de cada criança. Pesquisadores do aprendizado infantil e juvenil apontam que esse não é um processo “padrão”; ao contrário, o convívio social e o ambiente podem estimular ou recrudescer seu desenvolvimento. Vygotsky (apud OLIVEIRA, 1998, p. 27) afirma, inclusive, que são os estímulos externos que tornam o aprendizado significativo. Ainda assim, essa divisão em faixas etárias se torna necessária para facilitar o trabalho do livreiro, do editor e do professor tanto no momento da compra, venda e catalogação quanto no momento de escolha do modo como uma obra será trabalhada em sala de aula, assim como a que nível de ensino ela seria mais apropriada.

Durante a preparação, alguns parágrafos tiveram que ser realocados no texto, pois quebravam a lógica da narrativa ao, por exemplo, no primeiro capítulo, contar a história de Estrela, passar para a história de Luna e, no meio desta história, voltar a falar de Estrela. Por acreditar que isto poderia deixar os leitores confusos, decidi organizar o texto de forma a contar as histórias linearmente. Também neste momento defini que algumas passagens não seriam descritas no texto, pois eles apareceriam apenas na imagem. Alguns trechos foram selecionados, retirados da narrativa literária e transformados em ilustrações. Por exemplo, o trecho: “Ele me mostrou as duas mãos que estavam com todos os dedos enfaixados” virou esta ilustração da página 54 e 55 do livro (figura 1).

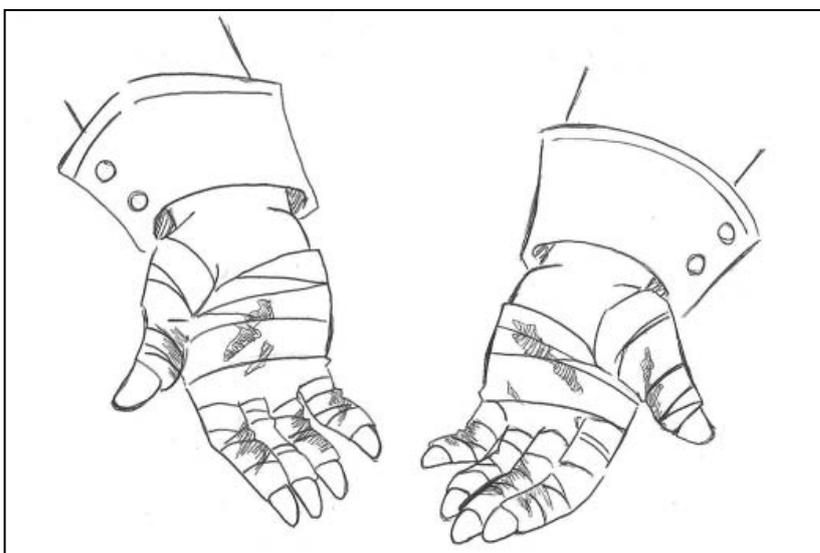


Figura 1

Após o texto ter sido preparado, foram previstos o número de páginas, a posição das ilustrações e a quantidade de texto que haveria em cada página. Mais tarde, devido à existência de capítulos muito pequenos (de duas ou três páginas), foi necessário juntá-los a outros capítulos (no texto original havia 24 capítulos, o atual tem 20), fazer as alterações necessárias para isto e alterar a disposição das páginas. Estes cortes foram necessários para evitar com que ficassem muitos “buracos” em branco no meio do texto devido à disposição das ilustrações correlatas aos trechos do texto, mas, além disso, também ajudaram na fluidez do texto literário, pois diminuíram a quantidade de pausas desnecessárias criadas pelas passagens dos capítulos. Após esta montagem, o texto passou por uma revisão. O pré-projeto foi impresso e a impressão foi entregue à revisora, que trouxe à tona algumas questões; ao contrário do que se esperava, suas sugestões foram muito mais relacionadas à simplificação do texto do que à ortografia e à gramática propriamente ditas. A revisora fez algumas sugestões para deixar o texto mais fluido, e também sugeriu algumas emendas relacionadas ao estilo da narrativa, algumas importantes, relacionados à infantilização do texto, que, como já vimos no item 3.3 deste relatório, é algo a ser evitado.

Beatrix Potter, a grande escritora inglesa de livros infantis, em uma troca de cartas com seu editor, indignou-se com a sugestão de que deveria alterar o texto para que uma criança pudesse compreendê-lo melhor. Sua resposta foi: “Serão as crianças de hoje tão menos inteligentes que seus pais? Devemos enriquecer o legado de palavras de uma criança — não diminuí-lo.” (apud HUNT, 2010, p. 62)

Tendo em mente o valioso argumento da inglesa, realizou-se uma nova reunião com a autora onde estas questões foram abordadas, ficando decidido que este tipo de alteração beneficiaria o livro. Portanto, trechos como “[...] príncipe Alberto da Guarárdia, é *irmão do marido* da minha irmã Estrela”, ficaram apenas: “[...] príncipe Alberto da Guarárdia, é *cunhado* da minha irmã Estrela” ou “[...] na Escola Formadora de Príncipes Encantados, e ela ser *um colégio onde se mora*” virou “[...] na Escola Formadora de Príncipes Encantados, e ela ser *um internato*”, pois considerei que estaria muito mais apto a enriquecer o vocabulário das crianças do que a versão original.

Já outras sugestões foram ignoradas, pois deixariam o texto muito formal e iriam interferir com o uso do humor, que permeia todo o livro. O humor é um recurso considerado muito importante por Ricardo Azevedo, pois atribui subjetividade ao texto, que abre os horizontes dos leitores para novas interpretações, se opondo ao pensamento descritivo cartesiano que empobrece a narrativa. (AZEVEDO, 2005) Houve ainda alguns casos em que

as emendas propostas iam em oposição com o estilo de escrita definido pela autora, muito ligado à oralidade, e a proposta do livro, de ser uma história contada por uma criança. Por exemplo, uma das sugestões foi mudar “(...) prometo que *conto* tudo *direitinho*” para “eu prometo que *contarei* tudo *muito bem*”. Este tipo de emenda não foi aceita, e segui a orientação proposta por Renato Conceição:

“os livros infantis não precisam recorrer a linguagens infantis ou infantilizantes. Tampouco soaria bem o uso de termos excessivamente rebuscados ou eruditos. É preciso, pois, uma voz capaz de cativar, uma linguagem capaz de ser entendida por todos e de proporcionar a constante identificação através da catarse.” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 39)

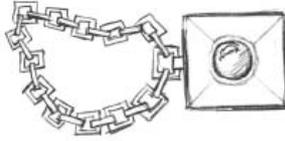
Por se tratar de um livro com texto extenso, novos erros podem ter sido inseridos durante a diagramação ou a revisora simplesmente não ter percebido. Devido à minha experiência trabalhando em editoras, sei que o padrão é o livro passar por duas revisões. Portanto, decidi que havia a necessidade de uma segunda revisão visando encontrar erros de ortografia e digitação, além de caixotes, buracos de viúvas etc. Nesta etapa, não foram feitas modificações em relação ao estilo ou à história propriamente dita.

## 4.2 O PROJETO GRÁFICO

As ilustrações foram discutidas com a autora e um briefing foi montado e enviado a ilustradora, onde foram definidos o estilo, o tamanho, o nível de detalhamento de todas as imagens. Neste briefing descrevi detalhadamente o que cada ilustração teria: quais objetos apareceriam, pois eram necessários para a história ou foram retirados do texto literário, a aparência dos personagens, suas vestes, os detalhes do ambiente etc. Enquanto as ilustrações eram produzidas, montei uma primeira prova no InDesign, ainda sem os estilos ou a fonte escolhida para o texto, para prever a quantidade de páginas e número de cadernos. Buscou-se neste projeto o equilíbrio tanto entre o texto e as ilustrações quanto entre uma ilustração e outra e entre a ilustração e a própria página, de forma a torná-la leve e de leitura agradável. Por este motivo, decidi que, em vez de as imagens ficarem “blocadas” na mancha gráfica (figura 2), o texto as contornaria de forma orgânica (figura 3).

rei não deu por falta da filha, claro. Olga fez parecer que ela tinha fugido e tomou o lugar da minha mãe.

Até que um dia, meu pai apareceu lá atraído pela história da linda princesa. Quando a conheceu, encantou-se com o medalhão prata que brilhava forte e que, ele podia jurar, às vezes cantava uma música linda.



Com o passar do tempo, ele passou a rejeitar a princesa, pois era uma mulher chata e invejosa que só sabia reclamar e exigir presentes. Meu pai estava pronto para desistir, não se casaria com aquela chata!

Quando foi dizer à princesa, ela ficou doida! Quebrou as coisas no castelo e ameaçou destruir o reino. O problema das bruxas ou qualquer ser do mal é que eles não são pessoas calmas. Essa é a melhor forma de identificá-los. Seres do mal, quando irritados ou nervosos, cheiram mal.

Meu pai percebeu e pegou sua espada. Ela se transformou em uma imensa serpente que deslizou pelo salão e tentou atacar meu pai. O que aconteceu depois, não sei direito.

Figura 2

Minha mãe era filha única e foi criada por uma madrasta muito boa. Eu sempre a chamei de vovó.

Mesmo assim, a filha da madrasta não era uma boa pessoa. Muitos diziam que ela era uma bruxa, eu não sei.

De qualquer jeito, ela mandou um caçador matar minha mãe enquanto ela fazia uma caminhada. Sério, ela pediu para um caçador? Ela nunca ouviu falar da história da Branca de Neve?

Como você pode imaginar, ele não a matou, e mandou-a fugir. Ela fugiu, mas Olga, a tal filha do mal, foi atrás dela, a trancafiou em um medalhão e tomou a forma da minha mãe. Pensando bem, acho que ela era mesmo uma bruxa. O rei não deu por falta da filha, claro. Olga fez parecer que ela tinha fugido e tomou o lugar da minha mãe.

Até que um dia, meu pai apareceu lá atraído pela história da linda princesa. Quando a conheceu, encantou-se com o medalhão prata que brilhava forte e que, ele podia jurar, às vezes cantava uma música linda.

Com o passar do tempo, ele passou a rejeitar a prin-

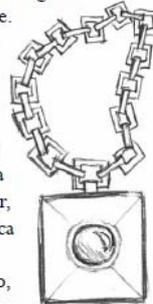


Figura 3

Todas as ilustrações foram feitas a lápis, depois escaneadas e tratadas no Photoshop. O estilo de ilustração adotado remete aos desenhos de uma criança, e o tom intimista do texto, que se desenvolve como um diário, ganha ainda mais força quando os desenhos possuem o caráter de inacabados. Isto foi definido desta maneira também visando permitir uma maior identificação com o leitor.

Considerando a ilustração, assim como o texto, como um portal que leva a diversas interpretações possíveis e na relação entre estes dois elementos na produção do objeto livro, as ilustrações foram pautadas e produzidas de maneira a contribuir para a narrativa com elementos exclusivos, de forma a não poderem ser dissociadas do texto sem perda para a história. Unidas ao projeto gráfico, essas duas linguagens desenvolverão a história. Por exemplo, os personagens e os ambientes não são descritos no texto, sua aparência física aparecendo apenas nas ilustrações. Para isso, durante a preparação, alguns trechos do texto literário foram cortados para se tornarem ilustrações (como exemplificado no item 4.1).

Desta forma, as ilustrações não se resumem a uma mera repetição do texto ou descrição dos personagens — elementos que o leitor pode imaginar por si só. Nelas presenciavam-se ações, perspectivas dos personagens e, muitas vezes, detalhes que não recebem tanta atenção ou simplesmente não ocorrem na narrativa textual ficam mais aparentes nas ilustrações, caracterizando-se, portanto, como outra narrativa e possibilitam novas interpretações da história. Por exemplo, na ilustração da página 71, é dito que o personagem Príncipe Púrpura é muito estranho e que Raio sente algo de ruim nele, isto é retratado na ilustração ao utilizar a sombra do personagem na forma de um monstro para representar a sensação de desconforto que Raio sente ao vê-lo pela primeira vez, porém, mais a frente na narrativa, é revelado que ele é um monstro de verdade (figura 4).



Figura 4

Foram encomendadas, originalmente, 27 ilustrações, mas a revisora atentou também para o projeto gráfico e indicou que havia mais ilustrações concentradas na primeira metade do livro. Para uma melhor visualização, criei uma tabela onde relacionei o número de ilustrações com o número de páginas de cada capítulo:

Capítulo	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
Nº de páginas	7	3	16	8	6	4	10	7	3	6
Quant. de ilustrações	3	1	6	0	3	1	4	2	0	1

Capítulo	11°	12°	13°	14°	15°	16°	17°	18°	19°	20°
N° de páginas	5	13	7	8	6	5	6	4	4	5
Quant. de ilustrações	0	2	1	0	1	1	0	1	0	0

Para resolver este problema, encomendei mais 14 ilustrações, totalizando 41, e garantindo um projeto mais harmônico e equilibrado. Feitas essas alterações, me certifiquei de que todo o projeto estivesse balanceado e defini que onde houvesse uma ilustração que extrapolasse a mancha gráfica ou nos casos de ilustrações de página inteira não colocaríamos a numeração da página para não tumultuar a mancha gráfica com muitas informações e garantir maior destaque à imagem.

Ainda relacionado ao equilíbrio entre o texto e a ilustração, decidi também que, nas páginas em que o texto não ocupasse totalmente a mancha, pois a página seguinte possuía uma ilustração — criando, assim, um espaço em branco desnecessário —, o texto seria dividido igualmente (com exatamente o mesmo número de linhas) em duas páginas e centralizado na mancha, como na página 50 e 51 do livro.

Outra solução viável para resolver este problema foi deixar com que pequenos trechos do texto entrassem junto às ilustrações (figura 5).



Figura 5

Talvez devido a minha inexperiência e da ilustradora na produção de ilustrações para um impresso, não ficamos muito atentas à questão do vinco do livro. As partes mais importantes da ilustração de página dupla, como os personagens ou alguma ação, não podem ser desenhadas centralizadas na imagem, pois acabariam se perdendo no vinco no momento da montagem do livro. Devido a isso, precisou-se de algum tempo além do previsto no cronograma para tratar ou refazer estas ilustrações, coisa que não seria necessária se esta informação já tivesse sido passada à ilustradora. Um exemplo em que isso ocorreu pode ser encontrado na ilustração das páginas 30 e 31 do livro (figura 6), onde o vinco ficaria exatamente em Raio de Sol e Leon e, por isso, o desenho precisou ser completado em uma das laterais para que o problema fosse resolvido (figura 7).

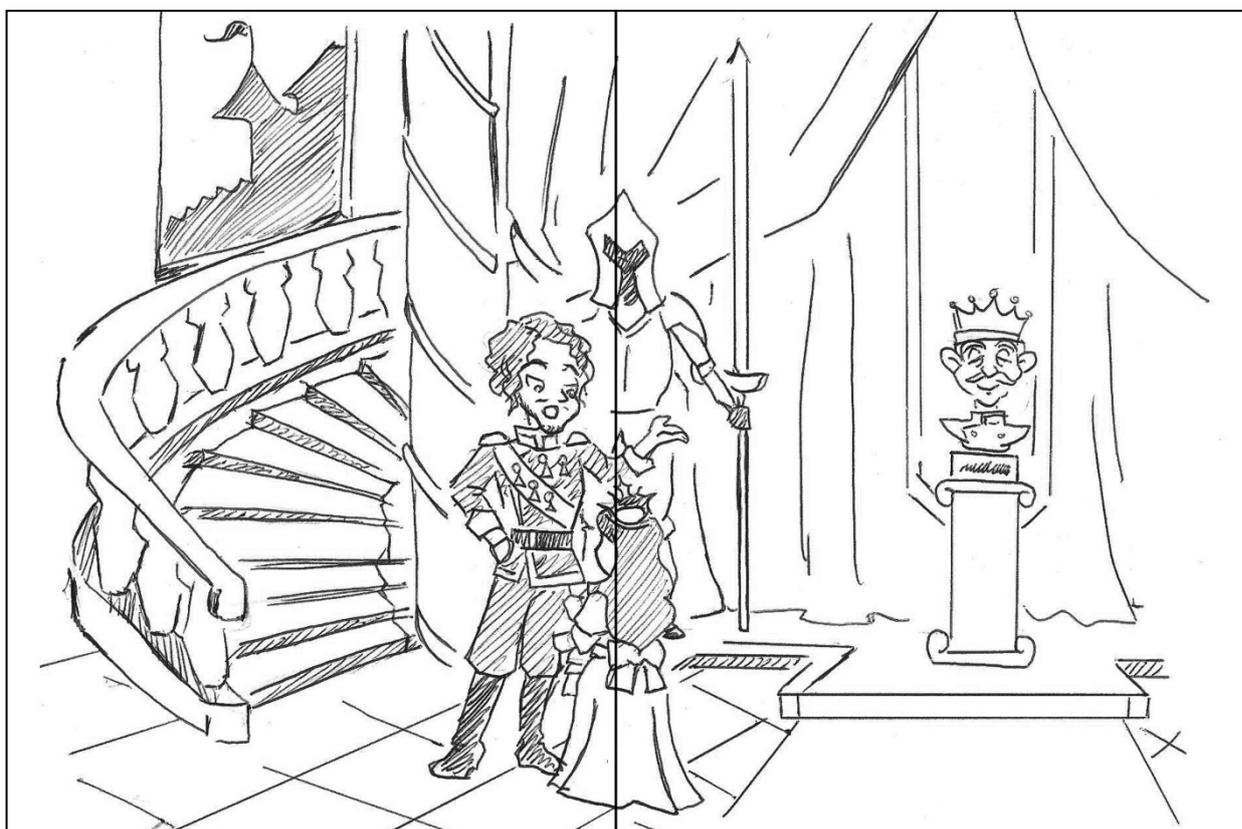


Figura 6

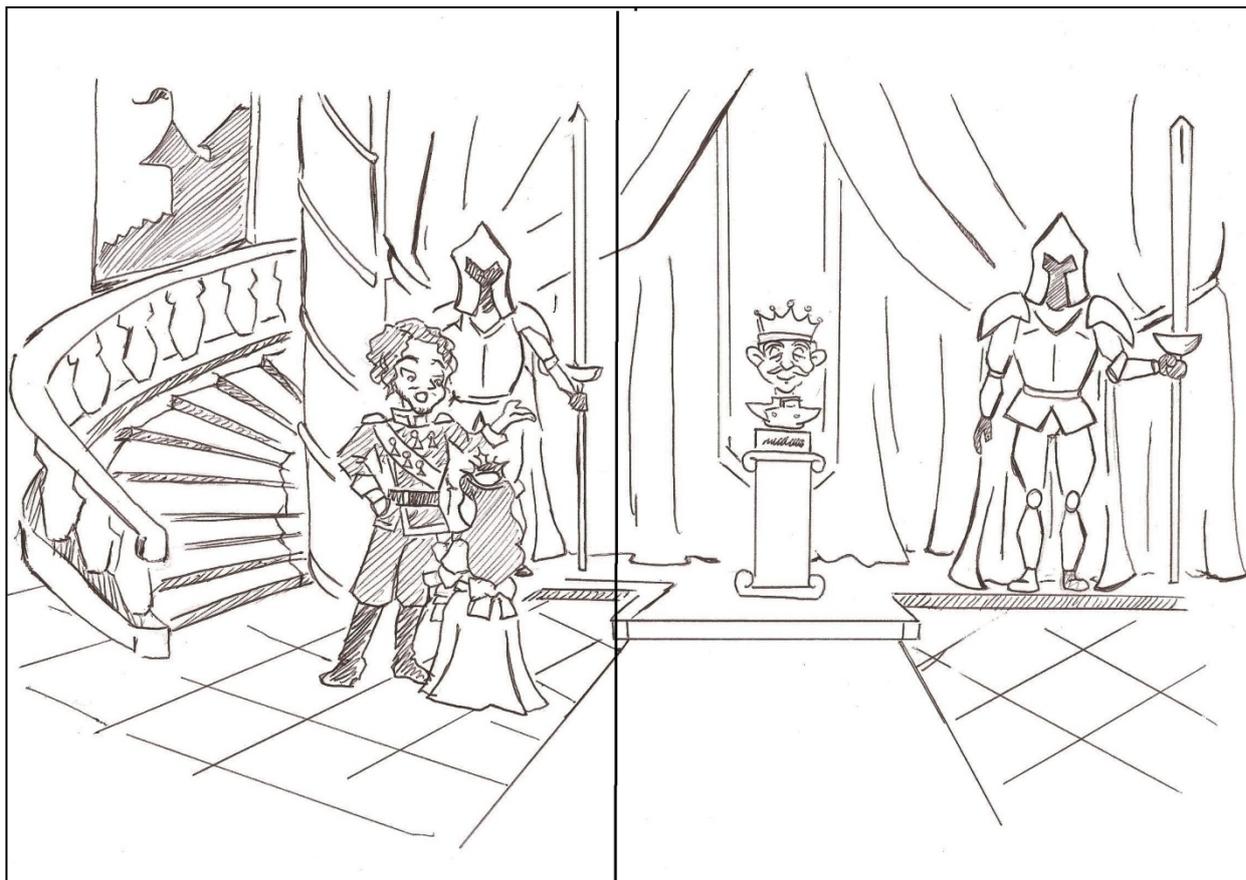


Figura 7

A escolha da fonte também partiu do pressuposto do balanceamento do projeto gráfico. Desde o início, buscou-se uma fonte com serifa. Esse tipo de fonte predomina em projetos de livros juvenis em que a quantidade de texto é maior que a de ilustrações e facilita a leitura. Ao mesmo tempo, havia uma preocupação com o padrão da entrelinha e com o tamanho da letra, de forma que a fonte escolhida fosse o mais legível possível. Fiz algumas pesquisas em livros de contos de fadas já publicados e a fonte Perpetua adequou-se perfeitamente ao que buscávamos. O corpo do texto ficou definido em 14,5 e a entrelinha 18; não se optou por um corpo maior apenas por uma questão de não pesar o projeto. Decidi usar uma falsa capitular na fonte Aphrodite Slim, caligráfica, e vinhetas, pois são elementos muito presentes em livros de contos de fadas, e eu desejava que o leitor fizesse esta associação. Por este mesmo motivo, esta fonte também foi escolhida para compor o título do livro na capa e na folha de rosto. Além destas duas fontes principais, foram usadas ao longo do livro as fontes: Apple Chancery, Lucida Blackletter, The Only Exception, Jellyka Western Princess e Juergen.

Quando terminada a diagramação e inseridas todas as ilustrações, o livro ficou com seis páginas em branco para fechá-lo com 10 cadernos de 16 páginas. Rediagramá-lo a esta altura já não era uma opção, então, visando resolver este problema, redividi o texto em alguns pontos e pedi à autora que preparasse uma dedicatória, escrevesse os agradecimentos e acrescentei, como elementos pós-textuais, as “Leis das Princesas” modificadas, que não existiam no texto original, a ilustração “Fim, por enquanto”, sinalizando o final da história, e o colofão, um elemento muito comum na última página dos livros que indica as fontes utilizadas além do mês e ano em que a obra foi impressa.

Visto que o objetivo principal da FNLIJ é a formação de leitores, idealizei um projeto que deixasse o livro o mais barato possível visando atingir um maior número de crianças. Assim, escolhi um formato que possibilitasse o menor desperdício de papel. Após breve análise optei pelo formato 14x21cm, bastante convencional nas editoras e grande o suficiente para não diminuir a beleza das imagens e dificultar o manuseio. As ilustrações foram pautadas de tal forma para que não fosse necessário sangrar o miolo, utilizando apenas ilustrações que não ultrapassassem a margem da página, pois a necessidade de fazer o livro sangrado aumentaria significamente o custo de impressão. Já havia sido decidido desde a primeira reunião com a autora que as ilustrações seriam em preto e branco, não apenas visando o menor custo, mas também seguindo a proposta do livro: de uma criança desenhando em seu diário. O papel escolhido foi o Pólen, pois ele agrega valor comercial ao impresso, facilita a leitura e não interfere com as ilustrações.

Portanto, o projeto gráfico e a forma com que as ilustrações e todos os outros elementos da diagramação (número de página, vinhetas etc.) foram dispostos nas páginas levando em consideração as “formas de relacionamento das imagens entre si e de cada uma delas com o texto e a folha, exprimindo continuidades e discontinuidades, problematizando e imprimindo ritmo e movimento ao texto”. (FITTIPALDI, 2008, p. 99)

Discuti todas as possibilidades com a autora e ficou decidida a intenção de produzir a capa de *Operação Princesa* como se fosse o diário da personagem principal. Foi necessário, contudo, criar novas ilustrações para compor a capa, já que não queríamos repetir uma imagem do miolo. Desta forma, pautei, junto à ilustradora, quais seriam os elementos da capa: utilizar uma cor viva no fundo, mas não cor-de-rosa, uma vez que a cor rosa é muito associada ao público feminino e não há a intenção de determinar um público tão específico para o livro, e acrescentar os elementos de um diário — como textura de couro, enfeites nas bordas, trinco — e uma coroa na frente.

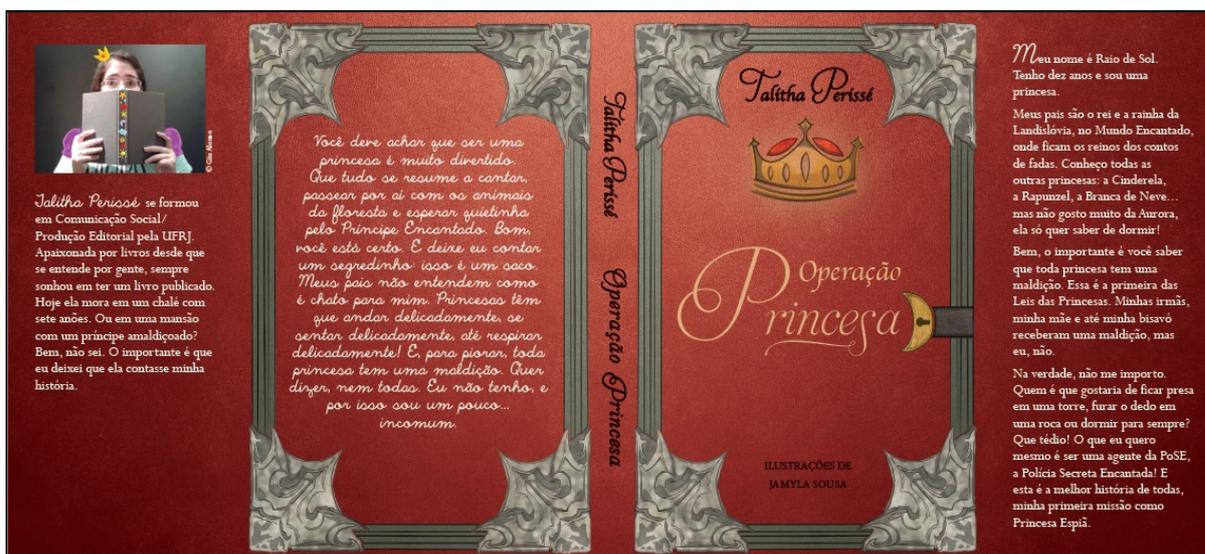
A ilustradora apresentou este conceito, ainda sem a fonte do título definida:



A primeira solução não nos satisfez esteticamente. Queríamos um livro com uma cor viva, que atraísse as crianças. Sendo um livro infantil, a ideia geral é a de que quanto mais colorido, melhor. Por isso, fiz alguns testes com outras cores e a escolhida foi a opção vermelha:



Após estarmos satisfeitas com a cor da capa, decidimos qual seria a fonte do título e eu escrevi os textos da contra capa e das duas orelhas:



Os texto de capa, inclusive o da biografia da autora, foram redigidos como se a própria Raio de Sol os tivesse escrito e tentaram passar o mesmo tom que a personagem utiliza ao longo do livro. Para ajudar a dar esta ideia, foi escolhida a fonte The Only Exception para o texto da contra capa, na capitular da primeira orelha e no nome da autora, pois esta foi a fonte definida para representar a letra de Raio de Sol na página 25 e 26 do livro (figura 8). Acho importante resaltar que todos os textos produzidos para a capa passaram pela avaliação da autora, que opinou e fez algumas sugestões.

A foto para a biografia foi feita desta forma — com Talitha escondendo o rosto atrás de um livro — remetendo a uma das ilustrações do miolo, da página 14 e 15, na qual Raio esconde o rosto atrás de seu ursinho de pelúcia, e os outros elementos da foto foram desenhados respeitando o estilo das ilustrações:



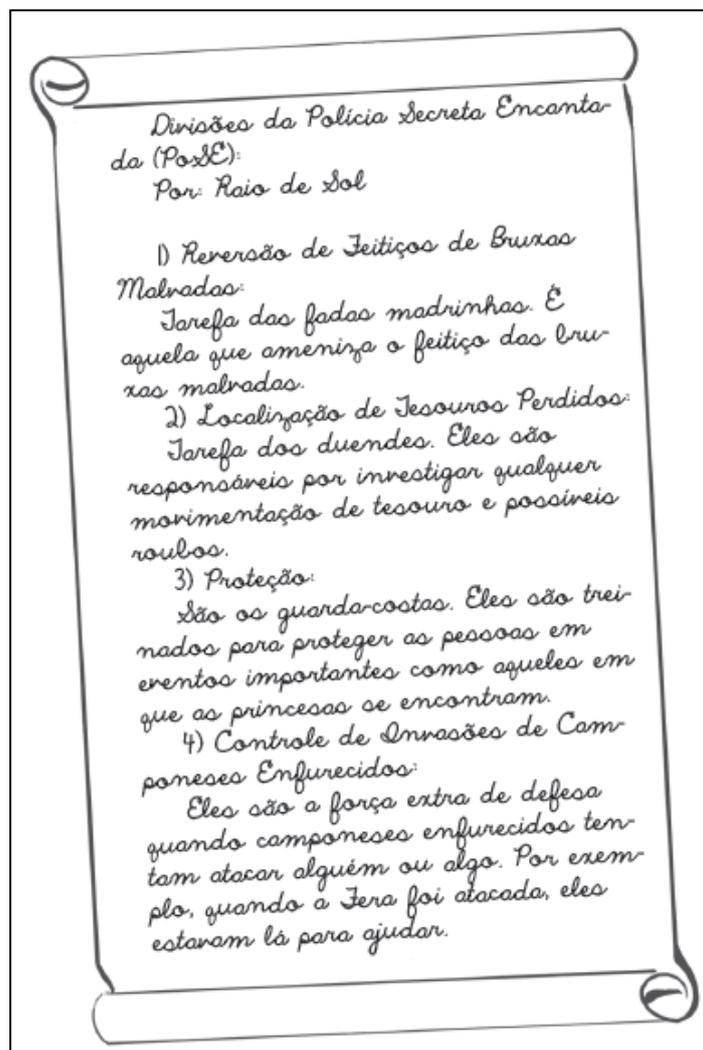


Figura 8

Outra questão observada foi a necessidade da colocação de alguma laminação na capa para fins de proteção e acabamento. Sem ela, a capa perde qualidade e não tem a mesma visibilidade e durabilidade. O acabamento e a qualidade do papel são essenciais tanto na disputa por um espaço nas prateleiras das livrarias quanto para a exigente avaliação da FNLIJ.

Com todos estes elementos definidos, acredito que o resultado final ficou bastante coerente com a proposta: produzir uma capa com qualidade artística e passar a ideia de que o livro é o diário da personagem principal.

#### 4.2.1 Orçamento

Assim que o número de páginas foi decidido e contabilizou-se a quantidade de cadernos, foram feitos os orçamentos com as gráficas. No início do processo editorial, ficou-se em dúvida entre o uso de papel Pólen 70, 80 ou 90g/m<sup>2</sup> para o miolo e o acabamento costurado e colado ou cola PUR. Os orçamentos foram feitos visando definir, através da análise do custo benefício, a melhor forma de tornar o preço unitário do livro o mais baixo possível e, ainda assim, produzir um produto de qualidade. As gráficas escolhidas foram J.Sholna e Stamppa, do Rio de Janeiro; Corprint e Prol, de São Paulo. A primeira a retornar o contato foi a Corprint.

Para a Corprint foram pedidos os seguintes orçamentos:

##### **Orçamento 1, Corprint: miolo 70 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

Configuração: formato aberto 28 x 21 cm e formato fechado 14 x 21 cm, orelhas 9 cm.

- Capa: Papel Cartão Triplex Supremo LD 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Brilho Frente (Capa/Lomb.), Corte e Vinco (Capa/Lomb.), Lombada colada, Prova Digital, Frete p/ Rio de Janeiro
- Miolo: 160 págs. em Pólen Soft LD 70 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Costura, Prova Digital

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,51	R\$5.510,00
3.000	R\$3,32	R\$9.960,00
7.000	R\$2,67	R\$18.690,00

##### **Orçamento 2, Corprint: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

As mesmas configurações de capa feitas acima, mas com o miolo:

- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold LD 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Prova Digital

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,95	R\$5.950,00
3.000	R\$3,73	R\$11.190,00
7.000	R\$3,05	R\$21.350,00

Uma vez avaliados esses orçamentos, considerei que o preço unitário para a impressão em tiragens altas estava bom. Também decidi que a diferença de valor entre o papel 70 e 90g/m<sup>2</sup> não compensava a perda de qualidade que a escolha de uma gramatura mais baixa acarretaria, pois aumentaria a transparência entre as páginas e diminuiria a resistência do produto. Portanto, já decidindo utilizar a gramatura 90g/m<sup>2</sup>, recebi o orçamento da gráfica Prol:

**Orçamento 3, Prol: miolo 80 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

Configuração: formato aberto 28 x 21 cm e formato fechado 14 x 21 cm, orelhas 9 cm.

- Capa: Papel Cartão Ningbo 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Brilho Frente, Corte e Vinco, Lombada colada, Frete p/ Rio de Janeiro
- Miolo: 160 págs. em Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Costura

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,38	R\$5.380,00
3.000	R\$3,35	R\$10.050,00
7.000	R\$2,88	R\$20.160,00

**Orçamento 4, Prol: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

As mesmas configurações de capa feitas acima, mas com o miolo:

- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold LD 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Costura, Prova Digital

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,54	R\$5.540,00
3.000	R\$3,49	R\$10.470,00
7.000	R\$3,02	R\$21.140,00

O orçamento da Prol confirmou o uso do papel 90 g/m<sup>2</sup> para o projeto. E, como tanto a Corprint quanto a Prol ofereceram laminação brilho na capa sem grandes aumentos no valor do custo, ficou decidido que a laminação seria inserida para fins de proteção e acabamento. É possível perceber, também, que o grande determinante do preço do produto é a tiragem: quanto maior o número de livros impressos, menor o preço unitário.

Resolvemos comparar o custo da lombada costurada e colada com o acabamento com cola PUR, que é mais barato, e o seguinte orçamento foi pedido à J.Sholna:

**Orçamento 5, J.Sholna: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

Configuração: formato aberto 28 x 21 cm e formato fechado 14 x 21 cm, orelhas 9 cm.

- Capa: Papel Cartão Supremo LD 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Brilho Frente (Capa Lomb.), Corte e Vinco (Capa Lomb.), Lombada colada, CTP com Prova Digital (Miolo, Capa Lomb.), Faca Especial (Capa Lomb.), Filme p/ Faca (Capa Lomb.)
- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Costurado

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$8,04	R\$8.040,00
3.000	R\$4,96	R\$14.880,00
7.000	R\$4,28	R\$29.960,00

**Orçamento 6, J.Sholna: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada PUR.**

- Capa: Papel Cartão Supremo LD 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Brilho Frente (Capa Lomb.), Corte e Vinco (Capa Lomb.), Lombada PUR, CTP com Prova Digital (Miolo, Capa Lomb.), Faca Especial (Capa Lomb.), Filme p/ Faca (Capa Lomb.)
- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$6,98	R\$6.980,00
3.000	R\$4,66	R\$13.980,00
7.000	R\$4,08	R\$28.560,00

Comparativamente, o preço da J.Sholna é maior que o da média do mercado e o da Prol, mesmo com a inclusão do frete para o Rio de Janeiro, menor. É importante explicitar que todos os orçamentos foram feitos como pessoa física e com pagamento à vista. Se fossem solicitados através de uma editora, o preço unitário do livro diminuiria e haveria a possibilidade de parcelamento. Como o orçamento da J.Sholna ficou muito mais caro do que o esperado foi feito o orçamento com mais uma gráfica, a Stamppa, também do Rio de Janeiro:

**Orçamento 7, Stamppa: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada costurada e colada.**

Configuração: formato aberto 28 x 21 cm e formato fechado 14 x 21 cm, orelhas 9 cm.

- Capa: Papel Cartão Supremo LD 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Alto brilho Frente, Corte e Vinco (Capa Lomb.), Brochura Costurada, Prova Digital
- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold LD 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Costurado, Prova Heliográfica PB

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,71	R\$5.710,00
3.000	R\$4,15	R\$12.450,00
7.000	R\$3,74	R\$26.180,00

**Orçamento 8, Stamppa: miolo 90 g/m<sup>2</sup>, lombada PUR.**

- Capa: Papel Cartão Supremo LD 250g/m<sup>2</sup>, 4/0 cores. Acabamentos: Laminação Alto brilho Frente, Corte e Vinco (Capa Lomb.), Lombada PUR, Prova Digital
- Miolo: 160 págs. em Pólen Bold LD 90 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cores. Acabamentos: Dobrado, Alceado, Frezado, Prova Heliográfica PB

<b>Tiragem</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1.000	R\$5,48	R\$5.480,00
3.000	R\$3,89	R\$11.670,00
7.000	R\$3,48	R\$24.360,00

O livro costurado e colado é muito mais resistente do que o que é feito com cola PUR, por mais que, comparativamente, a última opção seja mais barata. Portanto, levando-se em consideração que *Operação Princesa* se trata de um livro juvenil e, por isso, provavelmente será manuseado constantemente por uma criança, decidiu-se pelo acabamento costurado e colado.

Comparando-se todos os orçamentos, percebemos que o melhor custo benefício para o projeto seria a produção do livro em Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup>, miolo preto e branco, lombada quadrada (costurada e colada), capa com laminação brilho e a quatro cores (CMYK).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório buscou explicitar, através da análise do discurso dos principais agentes produtores e críticos de literatura para crianças e jovens, os elementos de um livro infantil e juvenil que constituem um livro de qualidade para a FNLIJ e, a partir deste estudo, produzir o livro de Talitha Perissé. Durante a produção do relatório, pude inferir que este tipo de livro requer um trabalho muito mais elaborado de projeto gráfico e editorial, de impressão e de acabamento, e que a criatividade, fantasia e harmonia entre texto e imagem devem ser elementos presentes em qualquer texto literário de qualidade, visando sempre despertar o imaginário e emocionar o leitor.

Em sua própria essência, este gênero é perfeito para a experimentação e inovação, tanto em termos de conteúdo como de suporte: ele propicia projetos inovadores com formatos inusitados, diferentes técnicas de ilustração e o uso criativo de tipologias e outros elementos visuais para compor o livro. As ilustrações devem desempenhar a sua função narrativa, complementando e enriquecendo o texto. Por essa riqueza de possibilidades, vem se diluindo a ideia de que o livro ilustrado se dirige apenas às crianças, pois ele pode permitir diferentes níveis de compreensão e de fruição, conforme a maturidade do leitor. Outro elemento contribui para isso é que, muitas vezes, os livros de qualidade transcendem barreiras etárias conquistando os adultos, que, posteriormente, os apresentará à criança.

Em *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell (1985, p. 591) em explica que “no que diz respeito à variedade [dos livros para crianças], a produção tem mostrado um aumento bastante satisfatório no correr da última década”. Melhor ainda, “a qualidade [da literatura infantil brasileira] é bastante boa, e uma matéria [...] menciona 15 importantes autores que escrevem regularmente para crianças em português do Brasil. Um deles, Lygia Bojunga [...], ganhou prêmios internacionais”. Podemos perceber a partir desta passagem que o problema da pequena quantidade de crianças que leem por fruição não se deve exatamente a pouca qualidade artística e literária das obras publicadas, mas a um problema estrutural do Brasil, que vem de suas raízes históricas e deve-se muito à falta de uma tradição da leitura, ao qual a FNLIJ busca sanar através de seus vários projetos de promoção da literatura infantil e juvenil e do Prêmio FNLIJ.

Para uma editora, que precisa sobreviver em um país com poucos leitores, é importante que o livro chegue às mãos das crianças e fomentar novos leitores. O livro na prateleira não exerce esse papel. Ela precisa garantir que seu produto tenha visibilidade e

possa competir com outras obras de qualidade no mercado. Precisa gerar leitores e lucrar. Por isso, acredito poder afirmar que um livro pensado e produzido segundo os critérios da FNLIJ possa, sim, chamar a atenção dos editores e garantir que *Operação Princesa* tenha maiores chances de ser adquirido por uma editora.

Os critérios de avaliação propostos foram, portanto, muito importantes para a concepção deste projeto. Como o texto já trazia muitos dos elementos que contribuem para uma literatura para crianças de qualidade, as ilustrações foram produzidas buscando uma proposta dialógica e uma narrativa própria — brincando com o imaginário do leitor. Além disso, historicamente, a ilustração amplia as vendas dos livros pela sua qualidade aliada a bons textos. Trabalhando esses conceitos e levando-se em conta todos os critérios analisados, buscou-se contribuir para que *Operação Princesa*, acima de tudo, possibilitasse uma ótima experiência de leitura.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Catarina. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mar. 2012. Educação. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>> Acesso em: 01 setembro 2013.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 25-46.

BAMBERGUER, R.; BINDER, L.; HÜRLIMANN, B. **20 Years of IBBY**. London: IBBY, 1973. Disponível em:

<<http://www.literature.at/viewer.alo?objid=14797&page=1&viewmode=fullscreen>> Acesso em: 13 outubro 2013.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 9-24.

BIASIOLI, Bruna. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. In: **Terra roxa e outras terras**, Revista de estudos literários, v. 9, 2007.

BIAZETTO, Cristina. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 75-89.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. *Espaço Aberto*, São Paulo, nº 24, out. 2002. Disponível em:

<<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>> Acesso em: 21/08/2013.

CASTILHO, Marcelo (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto pró-livro, 2011.

COLASANTI, Marina. O que você entende por qualidade em literatura infantil e juvenil? In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 180.

CONCEIÇÃO, Renato Tomaz da. **Selo Altamente Recomendável**: os critérios de quem produz e avalia a qualidade da literatura infantil e juvenil. 64f. Monografia (Graduação em Comunicação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

DARTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DELMAS, Maria Fernanda. A criança e a leitura. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jun. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/mamaeeuquero/?periodo=&palavra=fnlj>> Acesso em: 10 agosto 2013.

FEIJÓ, Mário. **Literatura Infanto-Juvenil**. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 93-121.

FNLIJ. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Disponível em: <[http://www.fnlj.org.br/principal.asp?cod\\_mat=2&cod\\_menu=101](http://www.fnlj.org.br/principal.asp?cod_mat=2&cod_menu=101)> Acesso em: 18 maio 2013.

FNLIJ. 39ª Seleção Anual FNLIJ: Edital. Disponível em: <[http://fnlij.provisorio.ws/fnlj/images/pdf/2013/premio-fnlj/premio\\_fnlj\\_regulamento\\_2013\\_-\\_producao\\_2012.pdf](http://fnlij.provisorio.ws/fnlj/images/pdf/2013/premio-fnlj/premio_fnlj_regulamento_2013_-_producao_2012.pdf)> Acesso em: 18 junho 2013.

FNLIJ. Selection of Brazilian writers, illustrators and publishers. Disponível em: <<http://www.fnlj.org.br/imagens/primeira%20pagina/bolonha/Bolonha%202013.pdf>> Acesso em: 18 julho 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 1985.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

IBBY. What is IBBY. Disponível em: <<http://www.ibby.org/index.php?id=about>> Acesso em: 18 maio 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MORAES, Odilton. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 49-59.

OLIVEIRA, Ieda de. (Org.) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Rui. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 13-47.

RAMOS, Anna Claudia. O jogo do faz-de-conta. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 147-165.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 123-139.

SERRA, E.; ZINCONI, G. (Coord.). **Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

SISTO, Celso. O pretexto de se escrever, publicar e ler bons textos. In: OLIVEIRA, I. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 119-134.

TIL, Sheila. **A criança e o livro no contexto social**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VASSALLO, Márcio. Tudo pela leitura. *Agência Riff*, Rio de Janeiro, 26 jan. 2011. Notícias e entrevistas. Disponível em:  
<<http://www.agenciarriff.com.br/site/NoticiaEntrevista/ShowEntrevista/53>> Acesso em: 10 agosto 2013.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## APÊNDICE I

Entrevista com a professora Luciana Mara Souza Soares do Colégio Estadual Bento Ribeiro

**P:** Como educador, qual a sua visão do trabalho que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) faz em relação à formação de leitores? Você conhece alguns de seus projetos de incentivo à prática de leitura, como o Salão FNLIJ do Livro? Qual a sua opinião sobre o trabalho que a Fundação faz junto às escolas e aos professores?

**R:** O trabalho da Fundação é muito bom e o Salão FNLIJ também. Contudo, acredito que ainda falte uma maior divulgação dos eventos e captação de professores para projetos em conjunto e debates. Eu mesma somente conheci o Salão porque fiz parte de um grupo de pesquisa em literatura infantil. Na escola pública onde leciono não me informaram a respeito.

**P:** A escola onde você trabalha já levou os alunos para visitar o Salão FNLIJ? Qual foi a resposta dos alunos a esta experiência? Se não levou, qual o motivo?

**R:** Minha escola, não. Comecei há um mês em uma nova escola, onde trabalho com texto, mas ainda não tive acesso a essas informações. Sei que na escola particular onde trabalhava antes ganhávamos um valor para comprar livros no Salão FNLIJ, mas não levamos os alunos até lá.

**P:** Você, como professor, considera um livro premiado pela Fundação como garantia de qualidade literária?

**R:** Garantia não, pois considero essencial avaliá-los antes de sugeri-los para a escola. Mas é um importante canal de referência.

**P:** Na sua opinião, o que um livro infantil ou juvenil deve ter para ajudar na formação de leitores? E o que, em um livro, atrai mais os alunos?

**R:** O livro precisa ter uma história encantadora, mágica, que nos faça viajar, criar, que nos sensibilize. Como disse Mia Couto, a palavra tem de ser abençoada. Acredito que o estilo paradidático, feito para se debater temas politicamente corretos, não encanta o aluno.

**P:** Como é feita a escolha dos livros adotados para o programa da escola?

**R:** Na minha escola não recebemos livros literários, apenas gramáticas. Mas não em períodos específicos, eles surgem do nada. Na particular, a biblioteca geralmente é formada pelos

livros anuais, que a equipe escolhe para leitura bimestral com os alunos. Quando formo essa equipe, escolho pelos autores que mais gosto, a partir dos livros que leio, que vou conhecendo no ano e reservando para levar à escola. Também vejo os catálogos, vou às feiras, ao Salão, fico atenta às novidades.

**P:** Os livros premiados pela Fundação ou que ganharam o Selo Altamente Recomendável têm mais chances de serem adotados pela escola? Qual a importância dada aos prêmios literários, como o Prêmio FNLIJ ou o Prêmio Jabuti, no momento de escolher um livro para o programa da escola?

**R:** Os catálogos da FNLIJ são, no mínimo, consultados pelo corpo docente como livros dignos de leitura e debate.

## APÊNDICE II

Entrevista com o professor Marcus Siani do Colégio Bahiense Vaz Lobo

**P:** Como educador, qual a sua visão do trabalho que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) faz em relação à formação de leitores? Você conhece alguns de seus projetos de incentivo à prática de leitura, como o Salão FNLIJ do Livro? Qual a sua opinião sobre o trabalho que a Fundação faz junto às escolas e aos professores?

**R:** Conheço um pouco sobre o Salão FNLIJ. Acho que é um grande canal de divulgação e discussão do papel do livro na formação de novos leitores.

**P:** A escola onde você trabalha já levou os alunos para visitar o Salão FNLIJ? Qual foi a resposta dos alunos a esta experiência? Se não levou, qual o motivo?

**R:** Levamos a Bienal, ao Salão, infelizmente, não.

**P:** Você, como professor, considera um livro premiado pela Fundação como garantia de qualidade literária?

**R:** Claro, levo isso em consideração ao indicar leituras na biblioteca da escola.

**P:** Na sua opinião, o que um livro infantil ou juvenil deve ter para ajudar na formação de leitores? E o que, em um livro, atrai mais os alunos?

**R:** Personagens cativantes com que os alunos possam se identificar e uma trama bem desenvolvida também. Muita ação, aventura e mistério. Uma história que faça o aluno refletir.

**P:** Como é feita a escolha dos livros adotados para o programa da escola?

**R:** Como trabalho na rede pública estadual não há utilização de paradidáticos no programa. Os alunos leem os livros da biblioteca da unidade escolar.

**P:** Os livros premiados pela Fundação ou que ganharam o Selo Altamente Recomendável têm mais chances de serem adotados pela escola? Qual a importância dada aos prêmios literários, como o Prêmio FNLIJ ou o Prêmio Jabuti, no momento de escolher um livro para o programa da escola?

**R:** No caso dos didáticos acabamos dependendo do que a FNDE envia para a escola. Mas é claro que levamos isso em conta, até porque muitos chegam com esse selo.

### APÊNDICE III

Entrevista com Vanessa Gonçalves, editora do setor infantojuvenil da Cosac Naify

**P:** Como editor, qual a sua visão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e do Prêmio FNLIJ? Qual o principal motivador para uma editora inscrever os livros na premiação?

**R:** A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil é o mais importante órgão nacional no que diz respeito à promoção da leitura e da literatura infantil. Trata-se de uma instituição bastante respeitada, no Brasil e no exterior, e que realiza um trabalho muito sério, sem fins lucrativos. É a seção Brasileira do IBBY. Para a Cosac Naify, ter seus livros premiados pela Fundação é a mais alta chancela de qualidade a nível nacional que a editora pode receber. Os votantes são profissionais capacitados, estudiosos da literatura infantil, isentos de vínculos com qualquer editora. Na verdade, o prêmio FNLIJ não possui uma inscrição, como a maioria dos outros prêmios. O que acontece é que, no início de cada ano, a Fundação envia às editoras uma lista com os nomes e endereços de todos os votantes daquele ano e cabe às editoras enviarem os exemplares para avaliação. A Cosac Naify faz questão de enviar regularmente todos os lançamentos aos votantes.

**P:** Algum livro do catálogo da editora já recebeu a premiação ou o Selo Altamente Recomendável?

**R:** 121 títulos da Cosac Naify receberam o Selo Altamente Recomendável desde 2002 (anexo I).

**P:** No geral, você acredita que livros com este Selo ou premiados pela Fundação alcançam um maior número de vendas e/ou aumentam a visibilidade do autor e da editora no mercado?

**R:** Não poderia dizer especificamente sobre os números de vendas, mas certamente o prêmio dá um grande prestígio ao autor e à editora. Muitas bibliotecas pautam seus acervos pela seleção da Fundação, as próprias livrarias costumam expor melhor os títulos premiados, os professores se baseiam na lista para selecionar os livros adotados para leitura de seus alunos. Ou seja: não são apenas as editoras que têm a dimensão da importância do prêmio, mas também os demais setores envolvidos com a literatura infantil.

**P:** Você diria que os livros premiados ou que recebem o Selo têm mais chances de serem adotados em programas governamentais, como o PNBE?

**R:** Não saberia dizer se eles têm mais chance ou não, essa perguntaria teria de ser feita às pessoas que selecionam os livros do PNBE. Mas, há, sim, livros premiados selecionados para programas governamentais. Como também há livros não premiados selecionados. Então, não há como afirmar a influência de um sobre o outro.

**P:** A seleção para o Prêmio também serve para definir o catálogo da FNLIJ da Feira de Bolonha, na Itália. Qual a importância de ter um livro neste catálogo para a editora? Como a exposição do autor ou do livro no contexto internacional é benigna para a editora?

**R:** Ter um livro no catálogo da FNLIJ para a Feira de Bolonha é mais um importante reconhecimento do trabalho da editora. O estande da FNLIJ é o espaço de divulgação da literatura brasileira neste que é o maior evento internacional de literatura infantojuvenil. Como a oferta de títulos é imensa, o catálogo da FNLIJ funciona já como uma primeira triagem para as editoras interessadas em conhecer a produção do país: de tudo que está sendo feito, os livros que estão ali são o que há de melhor e merecem atenção. É sem dúvida um grande impulso e aliado para a venda de direitos ao exterior.

## APÊNDICE IV

### Entrevista com Ana Lima, editora do selo Galera Record

**P:** Como editor, qual a sua visão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e do Prêmio FNLIJ? Qual o principal motivador para uma editora inscrever os livros na premiação?

**R:** O prêmio é o único que contempla diversas categorias envolvendo o livro infantil, e seu mérito é indiscutível. A FNLIJ é a seção brasileira do IBBY, uma organização internacional para enaltecer livros infantis de qualidade no mundo todo. A Fundação não só estimula publicações de qualidade como defende o direito a leitura. A premiação é um reconhecimento, algo sempre almejado pelo autor e pela editora.

**P:** Algum livro do catálogo da editora já recebeu a premiação ou o Selo Altamente Recomendável?

**R:** Sim.

**P:** No geral, você acredita que livros com este Selo ou premiados pela Fundação alcançam um maior número de vendas e/ou aumentam a visibilidade do autor e da editora no mercado?

**R:** Não tenho dados precisos sobre o cruzamento dessas informações, mas certamente a visibilidade do autor e da editora aumenta com o Selo Altamente Recomendável, assim como ocorre com os mais importantes prêmios.

**P:** Você diria que os livros premiados ou que recebem o Selo têm mais chances de serem adotados em programas governamentais, como o PNBE?

**R:** Acredito que sim, pois já passaram por um crivo de excelência.

**P:** A seleção para o Prêmio também serve para definir o catálogo da FNLIJ da Feira de Bolonha, na Itália. Qual a importância de ter um livro neste catálogo para a editora? Como a exposição do autor ou do livro no contexto internacional é benigna para a editora?

**R:** É um prestígio para o currículo do autor e da editora, e uma chance de divulgar a literatura juvenil brasileira fora do país. Editores e agentes do todo mundo passam pelo estande da FNLIJ e veem a seleção; isso pode abrir as portas do mercado internacional para um autor ou ilustrador.

## ANEXO I

Lista dos livros da Cosac Naify que receberam o Selo Altamente Recomendável da FNLIJ

### 2013

Outros contos do balé - Altamente Recomendável Criança  
 O sonho de Vitória - Altamente Recomendável Imagem  
 Beijo de artista - Altamente Recomendável Informativo  
 Aquela água toda - Altamente Recomendável / Melhor livro Jovem / Ilustradora revelação  
 Cine Bijou - Altamente Recomendável Jovem  
 Simbá, o marujo - Altamente Recomendável / Melhor livro Reconto  
 Contos maravilhosos infantis e domésticos: 1812-1815 - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Criança / Melhor projeto editorial  
 Cric crec pi ploft! - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Criança  
 Dois fios - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Criança  
 O gato e o Diabo - Altamente Recomendável / Melhor Tradução ou Adaptação Criança  
 Senhor Lambert - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Criança  
 Contos de lugares distantes - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Jovem  
 Peter e Wendy - Altamente Recomendável Tradução ou Adaptação Jovem  
 Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis - Altamente Recomendável / Melhor livro Teórico  
 A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee - Altamente Recomendável Teórico

### 2012

Cafundó da infância - Altamente recomendável criança  
 Uma princesa nada boba - Altamente recomendável criança  
 Sombra - Altamente recomendável imagem  
 Imita bichos - Altamente recomendável poesia  
 Livro ilustrado: palavras e imagens - Altamente recomendável teórico  
 As aventuras de Pinóquio - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
 Um balão por um bacamarte - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
 Coração - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem  
 Na floresta do bicho-preguiça - Altamente Recomendável / Melhor Livro-brinquedo

O menino que mordeu Picasso - Altamente Recomendável / Melhor Tradução/Adaptação Informativo

Para ler o livro ilustrado - Altamente Recomendável / Melhor Prêmio FNLIJ Livro teórico

## 2011

Espelho - Altamente recomendável Imagem

Na garupa do meu tio - Altamente recomendável Imagem

O presente - Altamente recomendável Imagem

História da ressurreição do papagaio - Altamente recomendável poesia

Marco, o barco - Altamente recomendável poesia

Ode a uma estrela - Altamente recomendável poesia

João e Maria - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O menino entregador de jornal - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Pato! Coelho! - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Raul Taburin - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Sábado na livraria - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Psiquê - Altamente Recomendável / Melhor ilustração / Melhor livro conto *hors-concours*

Mil-folhas - Altamente Recomendável / Melhor livro informativo / Melhor projeto editorial

Crítica, teoria e literatura infantil - Altamente Recomendável / Melhor Livro Teórico

A janela de esquina do meu primo - Altamente Recomendável / Melhor tradução ou adaptação jovem

## 2010

Pê de pai - Altamente recomendável - Literatura língua portuguesa

Bili com limão verde na mão - Altamente recomendável poesia

Estava escuro e estranhamente calmo - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Marcelino Pedregulho - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O nariz - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O livro do foguete - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O pato, a morte e a tulipa - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Quando vem a lua - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Senhor Augustin - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Todos os patinhos - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
Pawana - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem  
Onda - Altamente recomendável / Melhor Livro-Imagem  
Av. Paulista - Altamente recomendável / Melhor projeto editorial  
Alice no País das Maravilhas - Altamente recomendável / Melhor tradução ou adaptação criança  
Onde vivem os monstros - Altamente recomendável / Prêmio Especial Tradução Criança

## **2009**

Kachtanka - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
O inimigo - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
O nariz - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
O Fazedor de Velhos - Altamente recomendável / Melhor livro jovem  
Livro das perguntas - Altamente recomendável / Melhor livro poesia  
O livro inclinado - Altamente recomendável / Melhor tradução ou adaptação criança

## **2008**

Diário de um papagaio - Altamente recomendável criança  
O outro lado - Altamente recomendável imagem  
Balanço - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
Contos para crianças impossíveis - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
Selma - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
Vingança em Veneza - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem  
As mais belas histórias das Mil e uma Noites - Altamente recomendável / tradução ou adaptação reconto

## **2007**

Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo - Altamente recomendável informativo  
O melhor time do mundo - Altamente recomendável jovem  
Ismália - Altamente recomendável poesia  
A Criação - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
A tabuada da bruxa - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança  
O aprendiz de feiticeiro - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Lampião & Lancelote - Altamente recomendável / Melhor ilustração / Melhor livro poesia /  
Melhor projeto editorial / Revelação escritor

João Felizardo, o rei dos negócios - Altamente recomendável / Melhor livro conto *hors-concours*

## 2006

Um garoto chamado Roberto - Altamente recomendável criança

Eram cinco - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Lóris Lento - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Os sete novelas - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Palavra cigana - Altamente recomendável / Melhor livro conto

## 2005

No longe dos Gerais - Altamente recomendável criança

Moda: uma história para crianças - Altamente recomendável informativo

Coleção Mundo de Artista - Altamente recomendável informativo

O pavão misterioso - Altamente recomendável conto

O Senhor do Bom Nome - Altamente recomendável conto

A fada feiticeira - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

As tranças de Bintou - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Chapeuzinho Vermelho - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Dia de folga - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Frida - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O presente dos magos - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O Sr. Raposo adora livros! - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O alfaiate valente - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem

Coleção Ache o Bicho - Altamente recomendável / Melhor livro brinquedo

Pedro e Lua - Altamente recomendável / Melhor livro criança

No longe dos Gerais - Altamente recomendável / Melhor projeto editorial *hors-concours*

## 2004

Ivan Filho-de-Boi - Altamente recomendável conto

A rainha das cores - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

O anjo da guarda do vovô - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

As histórias de Faivl - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem

Amazonas: no coração encantado da floresta - Altamente recomendável / Melhor livro  
reconto

Ivan Filho-de-Boi - Altamente recomendável / Revelação escritor / Revelação ilustrador

### **2003**

Conto de escola - Altamente recomendável criança / Melhor ilustração *hors-concours*

A incrível história da orquestra - Altamente recomendável tradução informativo

O mundo de cabeça para baixo - Altamente recomendável tradução informativo

### **2002**

Brasileirinhos - Altamente recomendável poesia

Coleção Fique por Dentro - Altamente recomendável tradução informativo

O que faz de um Da Vinci um Da Vinci? - Altamente recomendável tradução informativo

O que faz de um Degas um Degas? - Altamente recomendável tradução informativo

O que faz de um Monet um Monet? - Altamente recomendável tradução informativo

O que faz de um Van Gogh um Van Gogh? - Altamente recomendável tradução informativo

Babum - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Um presente do mar - Altamente recomendável tradução ou adaptação criança

Como me tornei uma bailarina - Altamente recomendável tradução ou adaptação jovem